



# CANTOS DA MEIA-NOITE

## I. CANTOS TÉCNICOS







# CANTOS DA MEIA-NOITE

## I. CANTOS TÉCNICOS

Seraphim Pietroforte

(2018)



P626

Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim  
Cantos da meia-noite: 1 - Cantos técnicos / Antonio  
Vicente Seraphim Pietroforte – São Paulo: Córrego,  
2018. Série Polifemo.

80 p.; 14 × 21 cm

ISBN 978-85-7039-016-5

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

I. Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim. II. Título.

CDD B869.1

capa Lilli Ferreira, Seraphim Pietroforte e Gabriel Kolyniak

Editora Córrego  
Rua Araújo, 355 31  
República São Paulo SP  
01220-020  
editoracorrego.com.br





Assim que aprendi a ler e a escrever, por volta dos seis anos idade, fiz meu primeiro trabalho literário: um pequeno livro de contos de terror. Por que o terror? Meu primeiro contato com o horror, monstros e a ficção científica foi por meio do cinema via televisão, depois vieram as histórias em quadrinhos e, por fim, a literatura, quando li os romances clássicos do gênero, Edgar Allan Poe, outros contistas e, pelo menos para mim, o melhor de todos eles: H. P. Lovecraft.

Em muitas daquelas histórias o terror é gerado pelo desconhecido, a fazer não do sem sentido, mas dos muitos e outros sentidos, algo assustador; o terror, principalmente no cinema e nas HQs, dialoga constantemente com o erotismo e, sendo terror, em meio a masmorras e outros lugares sombrios, combina-se bem com sexo BDSM e os fetiches que costumam acompanhá-lo. Em outras palavras: o terror do nexo e o terror do sexo.

No meu mundo imaginário, portanto, o terror articula-se bem com a semiótica e demais teorias da significação, que se tornaram minha profissão na área de Letras, e também com o sadomasoquismo, a minoria sexual com a qual me identifico e pela qual milito em minha literatura. Inspirado nisso, resolvi, faz alguns anos, trabalhar em uma série de contos com ênfase nos três temas: terror, significação e sexo SM. Seriam os *Cantos da meia noite*, seguidos do subtítulo: *3 temas em 3x7 variações*.

Essas sete variações, por sua vez, em cada uma das três séries, sempre de modo semelhante, seguiriam por sete temas específicos, subordinados àqueles três temas gerais: (1) os mistérios da significação; (2) a fixação na podolatria e em suas articulações com o BDSM; (3) a série *Luciano Breuer e os demônios da noite*, em que são narradas as aventuras de Luciano em meio aos estranhamentos do cotidiano; (4) a série pornográfica *As desventuras*



*de Leticia*, em que são narradas as descobertas eróticas de uma mocinha; (5) a série *Viagens na minha terra*, em que faço alusões a lugares da língua portuguesa, seja na literatura, seja na geografia política; (6) contos que dialogam com semióticas visuais, seja por meio da tipografia, seja por meio de pinturas ou fotografias; (7) contos cujo tema é a música.

Inicialmente, pensei em editar os *3 temas em 3x7 variações*, um total de 21 contos, em um só volume; depois, quando concebi a coleção de plaquetes *Polifemo*, resolvi editar cada série de sete variações separadamente. Agora, planejo abandonar o três do *3x7* e substituí-lo por *nx7*, valendo-me das sete variações para fazer mais contos. Com esse procedimento, encaminho, em seguida, *Os cantos técnicos*, os sete primeiros contos desse projeto. Antes, porém, algumas palavras a respeito do conto enquanto gênero literário e da estética Maximalista, que levo adiante.

Não quero definir conto; isso é quase impossível, pois as formas literárias estão sempre mudando. Ao escrever, contudo, os contos para meus *Cantos da meia-noite*, gosto de refletir sobre o que penso estar fazendo. Enquanto prosa para ser lida em menos tempo que novelas e romances, contos devem ser curtos. Creio, entretanto, que essa não deva ser sua única característica; aproximo contos das formas literárias concisas – para mim, se o conto fosse poesia, seria parecido com sonetos, *haikai*, epigramas –. Por isso mesmo, busco não confundir brevidade com concisão; contos concisos não necessariamente são lidos rapidamente, pelo contrário, concentração requer atenção, atenção precisa de tempo.

Edgar Allan Poe, teórico do conto e de sua rapidez, destinado a ser lido por pessoas sem tempo para ler, não costuma escrever contos ligeiros. Não me parece ligeiro, nem mesmo para ser lido rapidamente, contos como *Berenice*. Em *Berenice*, o narrador exclama “and of Berenice I more seriously belived *que tous ses dents étaient des idées. Des idées!*”. Segundo Décio Pignatari, há algu-





mas chaves semióticas nessa frase em francês e na frase em inglês *the teeth*: (1) na oração em francês há 32 letras, correlacionadas aos 32 dentes da boca humana; (2) em inglês *the teeth*, os dentes, expressam a palavra-chave para ler *Berenice*, além de simularem o desenho, feito com letras, da arcada dentária; (3) há, na frase em francês e *the teeth*, predomínio de consoantes dentais (t, th, d), aquelas articuladas com a ponta da língua ao encontro dos dentes superiores.

Essa semiiose em difusão, em que o conto se realiza na divergência de novos conteúdos, pode ser potencializada no procedimento maximalista, proposto pelo compositor Flô Menezes. Inicialmente pensada na semiótica musical, o maximalismo e sua estética baseada em múltiplas referências podem ser levados adiante também na literatura. Não se trata de citações de trechos de obras alheias, isso até pode estar presente na práxis maximalista, mas de recorrência a arquétipos composicionais, realizados em quaisquer semióticas.

Nesses primeiros cantos busco, portanto, trabalhar essa estética na linguagem do conto, por isso são *Os cantos técnicos*. Seguindo pelas sete variações, os encaminhamentos são estes: (1) esquemas que buscam explicar a significação, sejam míticos ou científicos, são convocados na solução de um mistério; (2) minha podolatria dialoga com o conto *O homem na multidão*, de Poe; (3) na série *Luciano Breuer e os demônios da noite*, Luciano, confundindo-se comigo, dialoga com meus primeiros contos de terror, com a série de TV estadunidense *Kolchak, the night stalker* – traduzida em português *Kolchak e os demônios da noite* – e com suas/minhas impressões durante uma noite sem energia elétrica; (4) n'*As desventuras de Letícia*, a protagonista transa com duas gêmeas, enredada em sexo e metafísica; (5) na série *Viagens na minha terra*, imagino uma continuação, em meio a símbolos e ritos religiosos, do romance *Inocência*, do Visconde de Taunay; (6) expresso em projetos gráficos distintos



e inspirado no conto *Uns braços*, de Machado de Assis, escrevo, em *Uns lábios*, uma aventura noturna regada a drogas e ritos sadomasoquistas envolvendo cortes pelo corpo; (7) tematizando a música, descrevo um ritual hierogâmico envolvendo dois músicos de jazz: uma pianista e um baterista.

Meu caro leitor, assuste-se à vontade com isso...



# CANTOS TÉCNICOS







## A MALDIÇÃO DOS SENTIDOS

### **o professor aposentado**

Há, pelo menos, um conto sendo escrito agora na cidade de São Paulo. Nas estantes, os romances nos lugares das teses; através da janela, a avenida Angélica; cercado de tantos livros, fica fácil perder a vontade de ler.

O olho azul permanece atento e vaga, admirador dos mapas pendurados nas paredes em vez dos quadros. Em um deles, figura a torre do castelo no centro do reino e do mundo, o rei do mundo e o Sol é do tamanho da Lua; em outro, a antiga União Soviética. Há mais alguns, ao longo do corredor, demarcando o espaço entre a sala e a cozinha.

Faltam peças para completar o sistema, mas o desenho da totalidade está previsto nos dados; a dedução absurda, contudo, lógica; justificada no *corpus*. O lado obscuro da coerência é que ela se sustenta com integridade; dever ser possível perder o sono com isso, quando não há espaço para a contradição além daquela inserida no modelo.

Permanece atento, inserido no texto, olho de professor; verificava a estrutura, consulta jornais e suas anotações, confere tudo no mapa da cidade de São Paulo e nos alfinetes coloridos, que o dividiam.

Ainda ontem, numa livraria, assustou-se ao pensar que vira o animal estranho no lugar da menina pequena. Um macaco azul, da mesma cor do casaco da garota; assustou-se com o macaco azul – só poderia ser uma menina –, acostumou-se ao macaco sair correndo e escapulir.

Apenas deduziu a mocinha, não se lembra se estava de capuz ou não, se era menino ou menina, se era macaco. A lógica da dúvida foi parar espetada no mapa, memória do local, do fato, da incerteza. Assim, permanece vago.



## a cruz de Santo André

Cada santo carrega, na iconografia, o instrumento por meio do qual deu sua vida pela fé. No Mosteiro de São Bento, em meio à fumaça da mirra e do ofício, o corredor principal, a parte mais longa da cruz, é ladeado por eles; sentado nas últimas fileiras, poderia ouvir a música sem desrespeitar o culto.

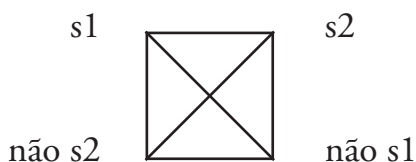
Na antessala, os quatro elementos; ao redor da cruz de Cristo sobre o altar, na parede do fundo, as pré-figurações de Maria. Humanizados no teto da igreja, Deus Pai fecunda a Virgem por meio do Espírito Santo para criar o Filho, feto no ventre de Maria.

Onde estava – nem entrada, nem saída – não seria tão persuadido pelos símbolos articulados em torno da cruz.

O Mosteiro parecia construído para simular a magnitude do mundo e de seu criador: a história do pensamento humano pelas entrelinhas; o nexos do Cristo entre os pontos cardeais e o Céu e a Terra; a vela te diz que o corpo-cera deve ser consumido ao deixar que a alma-pavio seja queimada pelo espírito divino; a multidão de velas significa o conjunto da humanidade. O Mosteiro faz a cidade profana; entretanto, está implantado nela, no colégio ao lado, no metrô, desde o subsolo; dialoga com a Catedral da Sé.

De acordo com o Evangelho de João, nas bodas de Canaã, dá-se o primeiro dos sete milagres de Cristo antes da ressurreição. O segundo milagre é a cura do filho do funcionário real, o terceiro milagre é a multiplicação dos pães, o quarto milagre é o caminhar sobre as águas, o quinto milagre é a cura do cego de nascença, o sexto milagre é a ressurreição de Lázaro e o sétimo milagre é a própria ressurreição. Em princípio, a negação da morte.

Ao final do canto, os olhos azuis tinham as cores do mar e suas águas; racionalmente emocionado, viu o esquema conhecido, o quadrado semiótico nas mãos de outro santo no corredor.



### ***lapis lapsus ex caelis***

Sobre o globo terrestre de *lapis lazuli* traçava, pela terceira vez, o retorno de Ulisses para Ítaca; como George Pichard traçará, no futuro, sua fuga. Na noite passada, ao jantar com o amigo, fora obrigado a ouvir Luigi Nono em vez de Giacomo Puccini, compor em função da fita magnética: ou a fita é central, com o improviso feito sobre ela, ou o contrário. Acima das águas do mar Mediterrâneo – Poseidon ao inverso – procura pela Medusa, o professor hipnotizado navega.

Improviso sobre a fita magnética: atraído por ela, já virou estátua de pedra antes de ser visto. Alguns sinais apontam para o crime horrível, previsível, mas incalculável; no improviso da fita, caberia tentar evitar o crime.

Com o passar das horas, o olho azul havia se tornado o globo terrestre, o planeta Terra englobado do seu ponto de vista. Através da cor – azul, por meio da palavra – encontraria o elo para ser traçado: uma menina, um macaco, o mar, a pedra, como na evolução humana. O oceano Atlântico ao leste de São Paulo; a Catedral da Sé no lugar da pedra, uma linha reta vai dar na Basílica de São Pedro, no Vaticano. Formas sobre o mapa dividem a Terra em duas porções; a análise panorâmica, a definição do campo. Na análise aguda, a livraria e o macaco-moça fazem a diferença pela linha reta, mostram a singularidade da parte separada.

Claro, mas difícil. Uma nota aponta para a impossibilidade de resolver a questão; o macaco e a menina, presos no modelo, já não são mais dele, valem por si, como o azul e o laranja.



## os quadrados mágicos

Há um quadrado mágico para cada um dos sete planetas da Antiguidade. O quadrado de 3x3 corresponde ao planeta Saturno; o de 4x4, a Júpiter; o de 5x5, a Marte; o de 6x6, ao Sol; o de 7x7, a Vênus; o de 8x8, a Mercúrio; o de 9x9, à Lua.

Em todos eles, em quaisquer direções que se tome – linhas, colunas, diagonais – a soma dos números dispostos é sempre a mesma. Eis o quadrado mágico de Saturno, formado pelos números de 1 a 9, resultando sempre no número 15:

4	9	2
3	5	7
8	1	6

No novo sistema planetário, deve haver os quadrados mágicos para o planeta Plutão, de 10x10; para Netuno, de 11x11; para Urano, de 12x12. Em sua dezena, o primeiro torna-se o quadrado de 0x0; o segundo, o quadrado de 1x1; o terceiro, o quadrado de 2x2; justifica-se a sequência de 0 a 9, que corresponderia ao percurso de Plutão à Lua.

No de 12x12, a sequência numérica é o resultado de 12 elevado a 2, igual a 144. Projetando-se as doze notas musicais de 12 em 12: 1 equivale a Do; 2, a Do#; 3, a Re; 4, a Re#; 5, a Mi; 6, a Fá; 7, a Fá#; 8, a Sol; 9, a Sol#; 10, a Lá; 11, a Lá#; 12, a Si; em 12x12, obtém-se 12 vezes a escala musical de 12 notas; o quadrado mágico de Urano é formado por 12 linhas, 12 colunas e 2 diagonais, compondo 26 séries dodecafônicas.

Ao dividir o espectro cromático entre o vermelho e o violeta em doze cores – as cores primárias vermelho, amarelo e azul; as cores secundárias laranja, verde e violeta; as seis gradações possíveis entre elas – o resultado é uma música cromática, uma série de timbres; uma música aritmética e geometricamente concebida, regida pelo tempo da música e a órbita de um planeta.





## os anagramas

O temperamento o levou ao planeta Marte, como São Jorge e o Dragão, vistos na Lua. Lunático, viu tatuado na cabeça raspada do rapaz na rua a frase latina.

s	a	t	o	r
a	r	e	p	o
t	e	n	e	t
o	p	e	r	a
r	o	t	a	s

As letras nos lugares dos números, das cores, das notas musicais; trocava as ciências da matéria pelas do espírito.

A cabeça, a cruz em t e n e t, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo em latim *teneo*, a estrutura linear da frase é um quiasmo fonológico perfeito; a frase, regida pelo anagrama, faz o anagrama ser anterior à frase. Nos vestígios da música, a melodia a o a e o o e a o a – música modal, uma série vocálica para ser seguida – e o ritmo s t r r p p r r t s, que parece uma tala; na nuca do rapaz careca, o espelho de seu fazer transformador.

## agulha de acupuntura

Se o rapaz tatuado surge no percurso entre as Catedrais de São Bento e da Sé, há mais um elemento para considerar. A menina azul e o macaco, o rapaz pensando em latim, o celta e a etimologia da palavra *arepo*: o advérbio gaulês *arepo*; há no francês *arpent*; há no irlandês *airchenn*. No mapa da cidade de São Paulo, os alfinetes coloridos formavam um quadrado mágico; no centro do quadrado, o macaco e o erudito dançam conforme a música. A agulha azul para os homens, laranja para a menina;



aproximadamente, as diagonais formam duas séries dodecafônicas sobre as três catedrais – a da Sé de São Paulo e a do Largo de São Bento, no Brasil, e a Basílica de São Pedro, em Roma –, cabe agora traçar as ondas sobre o mar azul do oceano Atlântico.

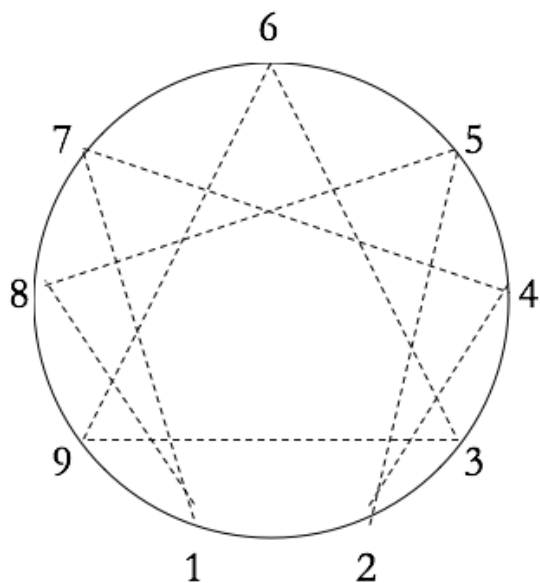
### **a imagem e a semelhança**

A esfinge formada pelo boi, o leão, o homem e a águia é apenas uma do conjunto de 3 esfinges e 10 animais, o homem, o anjo. A esfinge invertida é formada pelo porco, o javali, o macaco e o papagaio; a elevada, pelo cavalo, o cachorro, o anjo e a pomba.

O anjo, nem masculino nem feminino; o homem – porco-boicavalo – *sator*; o macaco azul. Em meio as 144 casas do quadrado mágico de 12X12, projetado em rede sobre a cidade de São Paulo e o Velho Mundo, as 12 notas e a música sobre as cidades. A partitura e o diagrama – a vítima, a mocinha quase não tem sexo –, na música, é possível prever o que acontecerá: as 12 cores-timbres nas 26 séries dodecafônicas. Seguindo os números de 12 em 12, de 1 a 144, na ordem em que estão dispostos sobre o mapa; não seguindo, os subsistemas se reproduzem e vão além da finitude do macrosistema, *ad infinitum*, como em latim.

A resposta certa, no entanto, pode estar contida no modelo de outros modos: no processo recuperado pela análise do sistema e em suas possibilidades de materialização. Não são as músicas, não se trata da substância, mas de 3X4 esfinges – três esfinges formadas por quatro figuras –, que resultam em 12 notas, cores, casas.

$144, 1 + 4 + 4 = 9 \leftrightarrow 3:3:3$ ; números de 1 a 9 sobre a circunferência, em que os números em sequência de 1 a 9 representam a ordem linear dos eventos, e as retas pontilhadas, a estrutura.



### **o admirador e a mocinha**

Do lado esquerdo de quem entra pela porta principal da Catedral de São Bento, seguindo o caminho paralelo ao que leva ao altar, vê-se, sobre a porta da sacristia, a pintura do anjo de armadura negra, o escudo da força no braço esquerdo, a espada da justiça, no direito. Um anjo, nem homem nem mulher, semelhante à pessoa vista vagando na cena do crime; a realização da tragédia: saber depois.

Passou despercebido pelos policiais – senhor de respeito – que já isolavam o corpo da menina; dos curiosos, era o único a saber o que havia acontecido; o olho azul, o mar; ela parecia dormir.

A chavinha triste, a promessa da beleza, não passa de botão, a rosa. Altura de mulher em talhe de criança, a excessiva magreza garante as formas que seriam plenas; os ossos salientes nas espáduas, no peito e nos cotovelos, óssea, magra, elegante, com leveza ereta.



A boca larga, um til no lugar da boca, o riso e a dor. De canto a canto do rosto, a boca pronta para engolir o mundo e transformá-lo; o nariz semita, mais belo nos outros lugares do mundo; os olhos fundos, grandes como duas moedas, se estivessem abertos.

O vestido – quase sua pele – o vestido cor-de-rosa liso esconde o corpo, justo desde o pescoço; os punhos, alguns dedos acima dos joelhos; a pele branca entre os coturnos pretos e o vestido rosa. As tranças, uma de cada lado, são dois chifres no alto da cabeça; as tranças negras e arrumadas da mocinha morta, tal era a mocinha aos quatorze anos:

- 1- a menina macaco
- 2- o ofício
- 3- as bodas de Canaã
- 4- o quadrado semiótico
- 5- a pedra caída do céu
- 6- o rapaz tatuado
- 7- o *quadrivium*
- 8- o eneagrama
- 9- a moça assassinada

O 9 estaria ali desde o início de tudo; para que todo o sistema-processo seja realizado, tanto estrutural quanto circularmente, a última etapa não pode ser evitada: saber antes.

Os olhos no mapa, o cérebro em movimento através das conclusões – visível entre os alfinetes, a música até o final da peça cena por cena, inclusive esta, a do admirador perplexo –; teve tempo de pegar a capa de chuva e partir.

A queda na garagem, a dor no tornozelo esquerdo; chegaria manco até o automóvel, as mãos na trava da porta, as chaves guardadas no lenço, guardado no bolso; a avenida Angélica, a rua da Consolação, a estação ferroviária da Luz.



O modelo contém a si mesmo antes de se completar perfeito; no espelhamento gerado pelo vértice de número 6, o reflexo se dá entre o 4 e o 8, imperfectivo. Mas não prossegue, preferiu parar e velar a moça, a chuvinha triste e o cordão de isolamento em frente à Estação da Luz.

Na última curva do diagrama, o corpo encolhido parece vírgula, o número 9; parecia S, S de não sei.





## A MOÇA NA MULTIDÃO

De certos livros, dizem com propriedade que suas leituras jamais seriam possíveis – há alguns segredos bem difíceis de compartilhar –. Além disso, cada um cuida de seu cânone pessoal: grande parte do que é citado jamais fará sentido para outras pessoas. Uma saga de família, algo colocado fora de lugar, um vaso... efeitos da decoração. Aqueles vasos em forma de bota com fivela dourada; as margaridas de plástico, feitas para não morrer; o estudo das formas das letras nos manuscritos, como saber da pessoa, do caráter, de como se emociona. O tempo do mundo estende-se amiúde, mas para logo ali, nos cantos das paredes, pronto para começar de novo. A cor do chumbo – nem dia nem noite – melhora nos atritos das nuvens e da terra; se dá para memorizar o trecho, o espaço em que havia parado antes de dormir. Aqui, a sede violenta, mais adiante, alguém estaria apto para traduzir as frases em latim, nas notas de rodapé. Dispersos na caligrafia, os madrigais guardados de cor, as cantigas de amigo, trechos dos tratados de música e geometria – já vou, Gato Cinza, agora mesmo! –, pairar por entre a névoa e o ar impuro.

Faz bem pouco tempo, algumas horas antes do crepúsculo das tardes de outono, encontrava-me sentado à mesa de uma lanchonete, diante do Museu de Arte de São Paulo, na avenida Paulista. Haviam levado os pratos, o copo; restava a xícara de café e metade do cigarro entre o polegar e o indicador parecia lápis. Durante alguns meses estivera com a saúde abalada, descanso suficiente para ler o *Livro Egípcio dos Mortos* – meus cabelos são os cabelos de Nu, meu rosto é o rosto de Aten, meus olhos são os olhos de Hator, o duplo Barco Maat, almas de Anu, não havia membro nenhum do meu corpo que não fosse o membro de um deus –. Encantado com o cigarro, a fumaça, as cinzas, sentia o calmo mas inquisitivo interesse por tudo que se passava em uma das principais vias públicas da cidade, que estivera bastante movimentada durante todo dia.





Convalescente, amigo da doença, viveria daqueles estados de ânimo, disposição das mais entusiasmantes, em que os olhos da mente se confundem com facilidade com os da visão, e o intelecto, eletrizado, parece capaz de fraturar a si mesmo nas fissuras que faria no cotidiano; a retórica nos lugares da música e da geometria; o cigarro no lugar do dirigível, feito para dominar o mundo.

Enquanto a tarde cai, próxima do fim, a multidão aumentaria consideravelmente. Os diversos escritórios espalhados pela avenida encerram os expedientes; o último sinal das aulas vespertinas está para bater; os transtornos das obras públicas cessam devagar, quase ninguém sabe que o consulado da Índia fica perto daqui. O trânsito se intensificará por volta das 18h00; pessoas demais nos pontos de ônibus, nas estações do metrô, em todas as esquinas; o mar tumultuado das cabeças humanas.

Em princípio, minhas observações seriam gerais e abstratas, feitas para tudo. A negação da morte através da cura; apenas a espera simples, sem nenhum contrato com o mundo. Primeiro veio a massa, suas relações coletivas, com paciência, porém, buscaria os detalhes. Algo confuso, difícil, mal sei por quem começo, perdido nos trajés, nos cabelos, cada qual com seu porte, fardo para carregar. Impossível dispor em círculos, quadrados, nenhum sistema daria conta disso.

Muitos seguiam resolutos, enérgicos, a única meta seria vencer o caminho pelos aglomerados. Dono do destino, apenas eu permaneço enquanto a agitação contagia as outras mesas, as garçonetes, o lazer, rápido demais durante os risos e as bebidas. O que pensariam todos eles? Debaixo da terra, nos túneis do metrô e dos esgotos, nunca imaginei a conspiração das baratas mutantes, capazes de devorar bebês pequenos; discos voadores não pousariam ali, no meio da cidade; nenhum flautista levaria embora toda aquela gente, para jogar no mar – como se houvesse o mar onde fica a rua da Consolação; porto para o comércio –.

Homens de bem, mas nem tanto, teria motivos para desconfiar. Desconfiaria daqueles que se desviam rapidamente, dos que





se distraem com as surpresas do caminho, dos que falam sozinho... entre todos, penso haver apenas dois tipos de pessoa: há os que se matam, deprimidos; há os que matam os outros, paranoicos.

Quando não estão ali, maquinando artimanhas, quantos não pensaram nas bombas que poderiam colocar entre os edifícios, montar a cadeira elétrica nos projetos de ciências, sociopatas, mendigos carrancudos de olhos vermelhos; a maioria parece inspirada em retratos falados, inclusive a polícia. Vítimas dos dilúvios, sem peixe, sem pomba, apenas sobras – até as crianças são assustadoras –, a mãe macabra, a sagrada família; fora das fotografias, há uma farra escondida pronta para escapar. Na ordem do dia, os demais trazem as definições da tristeza, da apatia, da falta de sangue que desencadearia todas as revoltas, ainda que fosse necessário buscar o ouro das revoluções em outros planetas. Da força ao tiro na cabeça, dentro da boca os canos das pistolas valem tanto quanto as páginas dos livros de filosofia; as dores do mundo, quase auto-ajuda para quem sai em busca do fracasso, fonte de utopia.

Como se nada passasse diante deles, fica por trás as sombras das conspirações, as tramas dos políticos, o susto diante dos meios de comunicação de massa, inscritos nas antenas e na poluição eletromagnética, que atrapalha a transmissão nos rádios. Uma capacidade humana de construir sentenças, medito no julgamento das coisas e nas convenções humanas, dispostas nas palavras e nos anagramas, a retórica para transformar tempo e espaço em morte. “Nesse intelecto seu, todo ele existe; nesse intelecto seu, ele até pode, do Inferno Céu fazer, do Céu Inferno”, lembra os versos do poeta cego; rimar amor e dor, como no samba antigo.

À medida que a noite avança, aprofundava-se também o meu interesse pelo quadro a que assisto; o caráter da multidão e as luzes frias dos postes de luz, a princípio fracas na luta com o dia que acaba, iluminavam as faces semelhantes. A garçonete se lembra de trocar o cinzeiro, os cigarros fumados pela metade



virando fumaça; ainda não chove, está prevista a garoa fina para depois. Menino ou menina, o agasalho marrom começa no capuz, por cima da cabeça e dos cabelos castanhos que fogem dali; não consigo ver a cor dos olhos, escondidos nos óculos escuros, mesmo durante a noite; mesmo assim, lia.

Era uma moça, de costas para mim, na mesa da frente; alinhada à direita, me fazia perder as dimensões do MASP e da Nove de Julho. O livro tem capa dura, feita de tecido verde; de onde estou não vejo se é prosa, se é poesia, nem em que língua estaria escrito. A lombada larga, cheio de páginas... havia lido pouco mais da metade, não estava ansiosa para terminar, calma e atenta, fora da multidão. Ouvia música – às vezes aparecem os fios dos fones como se fosse máquina – isolada do mundo. Quase não se move, não fuma, não bebe nada além do que parece chá; imagino as músicas que soam por ali, elegantes.

Debaixo do agasalho, a camiseta cor de cinza lembra o chumbo; as mangas compridas da camiseta, além das mangas do agasalho. Sentada de pernas cruzadas, vestia a mini-saia amarela – dava para ver as pernas torneadas, feitas para caminhar –; não via a pele, apenas mostrava parte do rosto e das mãos; só pude ver as formas através da meia-calça justa, vermelha escura. Acompanhava as cores, seguia pelos joelhos pontudos, as canelas finas – a meia-calça termina nas canelas finas –, a corrente de prata no tornozelo esquerdo; estava descalça, as unhas dos pés pintadas de vermelho, como nas mãos.

Fazia frio – os finais do outono sob o Trópico de Capricórnio nas cidades grandes já é inverno –; procurei por alguns instantes algumas sandálias ou sapatilhas, deixadas debaixo da mesa. Uma teoria do belo; além disso, uma teoria das qualidades da sensibilidade; o domínio inquietante do estranho, capaz de suscitar a ansiedade e o espanto. Algo que se fecha ali, momento do brilho e da reflexão.



Avara de gestos, apenas viraria as páginas; reparo nas poucas vezes em que alcança a xícara para beber. Nunca treme, esperaria para ser fotografada; é fácil se perder nela como nas fotografias, levadas para casa; aquilo do que me aproximo, modos de articular a mocinha leitora, imersa nas letras e na Avenida. Resultaria da vontade, seu ar gracioso construído no livro e nas músicas; o rosto escondido como se fosse ladra, matizada com desleixo nas escolhas das roupas e das cores; a textura singular do único enfeite e aquilo que punge. Não haveria resposta alguma prevista no modelo; porque da nudez das mãos e dos pés parecer tão contrária ao vermelho das unhas e à corrente de prata. Surpreendido, pergunto a mim mesmo que história não estará inscrita naqueles pés; sinto o desejo imperioso de manter aquela moça à vista, de conhecê-la melhor.

Nada me impede, cuido de pagar antes de pedir o último café; visto meu sobretudo. Então ela fecharia o livro, preso na mão direita – deixa alguns trocados por conta da xícara de chá – e se levanta, pronta para partir. Rumo à avenida, vencendo a multidão e ao encontro dela, que não desaparece – não quero que me perceba –; ela segue descalça, mas decidida na simulação que faz de sua distração. Simplesmente havia se levantado, sequer olhara para os lados, nem procura por nada debaixo da mesa para se proteger. Marcharia feito soldado, quase não se desvia; as pessoas continuariam apressadas, ela vai adiante, mas devagar. Olha só para frente, coberta com o capuz; passa entre todos, que logo se fecham adiante – não a perco assim –.

Decido segui-la onde quer que vá. Uma promessa antiga, pode ser a realização de algum anseio, atento ao pormenor que se daria ali; oportuna, uma forma do pensamento coincide com a situação objetiva; talvez olhasse mais para o chão do que ela olha, suas roupas estariam ali apenas para enfatizar aquilo que falta. Aconteceu antes, isso não é tão raro assim; não estava imunda e rasgada, o livro e a música nos lugares do punhal e do



diamante. Tomou a direção da rua da Consolação; não atravessa a avenida Paulista até chegar próximo da rua Augusta, para quando posso observar melhor; os calcanhares unidos, em posição de sentido; pose enquanto espera a vez e o farol.

Agora é noite fechada, sem nevoeiro ou garoa, percebo o céu escuro e suponho o acúmulo das nuvens. Desce o degrau da sarjeta, percorre o asfalto cinza da avenida pelo claro-escuro das faixas de segurança – não posso ficar preso nas ilhas –; durante um bom tempo a moça prossegue em seu caminho sem dificuldades, dobrou a Augusta e foi para o Centro. Às portas dos cinemas, acha mais interessante as bancas de DVDs; passou distraída pelas portas dos bares; não olhou, sequer uma vez, para ver por onde pisava. Seus pés largos e fortes mergulhavam ali por sobre a grama, o cenário se estreita neles e nas coisas, jogadas de lado; a sujeira se acumula nas esquinas, ao redor dos postes; a multidão se aglomera nas primeiras quadras, onde há concentração de bares, lojas de roupas e de livrarias.

A massa indistinta se pronunciava, recebo as pessoas, quando me separam dela, como se fossem galhos da mata que se adensam para o estorvo; velariam a moça apenas para se dispersarem, instantes depois. Inúmeras, noto as tampas pontiagudas de garrafas, alguns cigarros ainda acesos, dispersos por ali; botas dos que se atrapalham bêbados, saltos-agulha daquelas mais apressadas, couro e borracha. Papéis amassados, cacos de vidro; óleos, líquidos menos viscosos, sobras que escorrem das latas de lixo, das latas de cerveja e de Coca-Cola; a textura variada do asfalto liso, quadriculado, quebrado em bastantes partes.

Da rua Peixoto Gomide em diante o fluxo começa a diminuir. Desaparecem os cinemas, não há mais vendedores e suas coisas; os bares melhores ficaram para trás, as pessoas sombrias, mal iluminadas de vermelho ou verde, próximas dos *night clubs*. Pequenos grupos se reúnem no posto de gasolina, a maioria prefere sair em busca das casas noturnas escondidas nas vielas per-



pendiculares; há algumas lojas e salões de beleza abertos a essas horas. O único *sex-shop* fica do outro lado da rua; alguém me oferece alguma coisa; sinto vontade imensa de fumar; ela fica no meio da música, não dança, nem se machuca.

O perfil breve, quando flagro detalhes do nariz, dos lábios, nada dos olhos por trás das lentes escuras, que ela mantém como se fossem vendas. Talvez se protegesse assim: cobriria os olhos no lugar dos pés; seria quase cega por não me notar. O centro da cidade está perto agora, quando cruza a Augusta e segue pela Caio Prado, percebo alguma transformação, parece que anda devagar; há bem menos pessoas no meio do caminho. O percurso seria breve, ela se estende nele; outras voltas, quando dei por mim, estava novamente cercado – menos gente que antes –, próximos da Rego Freitas, já na rua da Consolação.

Paradas ao redor dos túneis, talvez seguisse por eles, tomasse os rumos da Radial Leste e se perdesse por lá; prefere o centro – penso que presta atenção na igreja quando vira o rosto e mexe nos fios de cabelo fora do capuz –, uma segunda volta nos trouxe até a praça Roosevelt, brilhante, cheia de luz, mas sem vida. Nos postes perfilados não falta nenhuma lâmpada; os cafés e teatros estão todos abertos – poucas pessoas por ali encostadas nos postes e nas paredes –; ela entra na única tabacaria da praça.

Fico do lado de fora, do outro lado da rua; a moça, diante do balcão e com as mãos nos bolsos, parece a letra L. Não agita os dedos dos pés, rentes ao chão; não dobra os joelhos, apoia-se nas pernas estendidas retas; o agasalho esconde a cintura e os seios; a mão deixou o bolso apenas para apontar algo escolhido ali, que não consigo ver. Devo me esconder; ela se demora antes de sair, finge escolher cachimbos e isqueiros; continua sem voltar o rosto.

Visita todos os teatros, queria ver todos os cartazes; acompanhei seus movimentos, na maioria das vezes, preferi esperar na rua, como fiz às portas da tabacaria. Teria tempo de sobra para observar e construir histórias do que faria, quando, nas pontas



dos pés, buscava pelas palavras e imagens nos cantos altos das paredes; se some, induzo o que estaria vendo, recupero tudo que já pude ler e repito. Longe dos relógios, mal sei as horas; ao encontro dos livros – sempre os livros – expostos em outras bancas aqui e ali, alguns raros e difíceis de achar; ficaria horas – horas? – dentro da loja de histórias em quadrinhos, aberta até de madrugada. As portas de vidro mostram os álbuns, as HQs, ela percorre as estantes com os óculos escuros, folheia revistas inteiras calmamente. A luz branca mostra sua silhueta, os dedos virando as páginas, algum sorriso; imerso na penumbra, o chão sujo, que ela não teve receio de pisar. Agora, imersa nas HQs, mesmo tão tranquila, creio que hesita; em suas demoras, talvez hesitasse.

Enfim, começa a garoa fina, uma chuvinha triste, tão fraca que ainda não era chuva. O asfalto fica mais escuro meio molhado, alguns respingos no cigarro aceso – meu único relógio –, tenho que me cuidar, se quero permanecer oculto; ela deve sair logo dali, tomar o rumo da rua Nestor Pestana e seguir em direção à avenida Ipiranga. A multidão se foi; há menos pessoas do que havia na praça; ela faz as mesmas voltas que fizera antes na Caio Prado, sem se incomodar com o frio e a umidade.

Atrapalho-me com alguns automóveis e ônibus ao atravessar a rua da Consolação; quando a vejo de novo, estamos em frente ao edifício Copan. Os restaurantes e cafés estão todos fechados, a escassez de gente me obriga a guardar distância; somente pequenos grupos isolados de boêmios e moradores de rua ainda transitam, aleatórios. Não toma os rumos da avenida São João, que seria só seguir adiante; está tão lenta, chega quase a parar, escolhe uma rua qualquer. Talvez nem houvesse escolhido, penso se há um rumo nisso; a partir de então estaríamos só nós dois, por ruas menores, que nem sei os nomes.

Sem me dar conta, a cidade de São Paulo se resumiria nela – fico surpreso, os conceitos haviam se transformado em formas



—; estou em outro tempo, que passa diferente, como se não passasse. Nessa realidade suspensa, haveria poucas diferenças entre mim e os caminhos da mocinha descalça, ambos com as mãos enfiadas nos bolsos dos agasalhos e algo em comum com a noite densa, profundamente escura nos becos e debaixo dos vários postes sem luz. A umidade do ar deixa tudo ainda mais lento; as gotas ficariam cada vez maiores, até que só houvesse água; as golas do casaco altas até meu pescoço, ela se embrenha no capuz enquanto passeia pelas poças d'água sem se desviar. Já não há refúgio, ela é minha única utopia; deixei que me guiasse, sem mapa, sob a chuva intensa.

Mas me lembro de quando chegamos à avenida Nove de Julho depois de algumas ladeiras, de como fui o único homem da multidão que restava, seu par debaixo das marquises dos edifícios e dos viadutos. As nuvens sumiram, a água que sobra escoava através das calhas; o azul escuro se transforma em violeta, logo seria cor-de-laranja, o azul claro do céu ainda é cinza nas primeiras horas. Avisto o MASP sobre sua cabeça, a visão encantadora dela em direção à avenida Paulista, seus pés diante do meu rosto durante toda a subida atravessariam as ruas mais uma vez; estávamos diante da mesma lanchonete da tarde anterior, creio que nas mesmas mesas. Ao cair das sombras da segunda noite, senti-me extremamente fatigado; parado, por trás da andarilha, sequer consegui guardar o seu rosto; talvez retomasse sua caminhada sem me notar; eu me levantei e parti.

Aquela moça — pensei depois de algum tempo — não seria nada além dela mesma, não simbolizaria nada, seria em vão segui-la, pois nada quero saber a seu respeito; interessa apenas seu único ato, que se dissemina. O coração humano é curioso, um livro feito só para si mesmo nem sempre é simples de compartilhar.







## ISADORA SOBRE O MEU TELHADO

LUCIANO BREUER E OS DEMÔNIOS DA NOITE

A tela enorme, talvez um dia todos os canais de televisão estarão ligados e os guias de TV, tão grossos como a lista telefônica da cidade de São Paulo, ou toda a informação disponível na net, lançaria mão deste livro, daquele vídeo, reencontraria um seriado norte-americano da segunda metade do século passado. Coisas da televisão, tinha eu 14 anos, em 1978 podia apenas registrar os títulos dos episódios numa caderneta, ao lado dos nove planetas do sistema solar e de alguns dinossauros; 30 anos depois, no futuro e nas mãos, os vinte episódios, em três DVDs, a primeira e única temporada de *Kolchak e os demônios da noite*. O tempo do agora, poucos instantes antes de começar a sessão, acaba a luz, depois de quase 30 anos, não vejo nenhuma lâmpada acesa nas imediações.

### 1ª parte / luação

A escadaria escura, as únicas lanternas são a vela acesa na mente, antes de subir, e a lâmpada miúda na base do isqueiro quase sem gás, que eu esqueço desligada no bolso – meu isqueiro contra o gênio do mal –, mas trazia a chave do terraço entre os dedos, o piso frio, o ar fresco de uma noite de verão. Rever pelo menos o primeiro episódio – Jack, o estripador perdido em Chicago –, a solução é tão estranha quanto os primeiros contos das séries que eu escrevia quando era criança; imaginar um universo tão bizarro em que se chega longe demais, Godzilla contra King Kong, comedor de eletricidade, e o monstro da bomba H. Assim é o mundo lá fora; lá em cima, o programa espacial brilha cor de prata – da porta entreaberta do terraço já posso divisar a Lua crescente –, entro descalço, como Moisés, mesmo sem exílio ou sarça.



Esperaria horas – sequer procuro pelos caminhões guindastes –, a ilusão de ver ali uns gatos, escutar só uivos e latidos, nenhum movimento nas ruas tranquilas. O prédio tem apenas quatro andares sem elevadores – parecia os prédios da Europa, disse a corretora –, um projeto para o Trópico de Capricórnio, Bauhaus abaixo da linha do Equador, cercado de livros e de CDs, entre álbuns de vinil antigos em 33 rotações. A Lua me aproximaria mais da Índia, só seriam os gatos em vez dos macacos, camelos, apagão em Cuba. O terror dos 14 anos permeado de monstros, mocinhas, o charme dos desajeitados que eu queria poder inspirar; alguns beijos na boca em meu rosto me desmentem.

Só seria Shabbes e eu havia passado a tarde ouvindo John Zorn – o cerco de Masada – e Steve Reich, contraponto entre mim e o que se daria. Perto da Lua, a seu alcance não havia flauta, só fingia que tocava no ar; o murmúrio-música feito para o ar e os lábios – só não diria “come out” numerosas vezes, até a frase se transformar... havia escrito antes “deformar em música” –.

Minha segunda série de histórias de terror foi no início da adolescência; as primeiras, havia feito aos seis anos de idade: “Depois de ler estas histórias, vá dormir e acorde assustado, com medo. Suas veias vão gelar, seu sangue vai parar, secar em suas veias; você ficará branco como leite”. Terror em dez capítulos, a lápis, os subtítulos grifados com hidrográfica amarela; alguém que volta do túmulo para se vingar. Era noite sem lua, ouvia-se uma voz no castelo dos Dronsom:

– Você me traiu, por isso eu vou te matar, Nora!

– Não, não, Haaaaaaaaaaaa... – e assim, Sérgio apunhalou o coração de Nora, à meia-noite.

Anos depois, escrevia um seriado inspirado na televisão, estava lá: “estava aqui no banheiro de uma casa com um cadáver a meus pés e a moça apavorada ao lado.

Tudo começou quando o Dr. Vincent trouxe, de uma expedição arqueológica, um espetador de feiticeiras de 1645, que



tinha gravado o nome Matthew Hopkins, um antigo caçador de feiticeiras de Suffolk. Esta arma foi para o museu, mas uma coisa aconteceria durante a noite. Madalena B. voltava para casa em dezessete de novembro, às onze e meia, depois de jantar com seu namorado; ela só não sabia que esta seria sua última refeição aqui na Terra.

Na manhã seguinte, foi encontrada morta na calçada, com uma perfuração na testa de oito milímetros de diâmetro; no seio havia as iniciais MH e, pouco abaixo do joelho, a letra B. Fui até o local do crime.”

A ênfase na terceira pessoa nos primeiros contos; apareço disfarçado quando digo “eu” antes de caçar o caçador de bruxas; enfim, significo alguma coisa quando me desfaço do piloto dessa nova nave, ouro puro, todos os quilates – à meia-luz, seria vermelho –, eis o terceiro canto da meia noite, que começaria assim, pela última cena:

“O corpo de ouro, os seios de mulher, robustos, o pinto enorme e duro sob o púbis, canhão com duas bolas. De perto, o primeiro esguicho de porra, segundos antes de virar estátua. Eternizado em ouro, durará para sempre, não oxidará; o tom da falha por vingança, o espanto e o gozo nos olhos e no nariz. O braço direito é Platão, na Escola de Atenas, o esquerdo, Aristóteles, que segura o livro; a cabeleira loira posta em cachos e a articulação estranha ao redor do falo, do *Timeu* e da *Ética a Nicômaco*. Ao contrário dos anjos, um Rafael homem e mulher ao mesmo tempo; a coxa forte, sem marcas, a bunda parecia bunda de mulher; a boca semiaberta, pronta para cantar.

Algumas semanas atrás, eu havia acabado de comer comida alemã; no pico escuro, espero alguém ficar na minha frente na hora de esconder os tiros. Mocinhas dos romances românticos vestidas de preto; os gays com as camisas para dentro das calças, feito capitães; uma caverna: o monstro da terra é uma mulher de olhos vermelhos, há um pé descalço – quase do meu tamanho –



com tornozleira, esculpido em barro. Não sei quem passou por mim, segredos em meus ouvidos, partiu esvoaçando a cabeleira negra, índia seus cabelos lindos como as noites turvas que não têm luar. Não consegui ouvir as risadas, nem o grito medonho da garota ao lado; um bocado de gente – gente demais – sangue e a mocinha nova caída no chão.”

Luciano e seus demônios da noite; o primeiro conto da série narraria os crimes de um assassino serial agindo na noite paulistana – começa em um inferninho nos Jardins, passo a segunda parte na rua Sergipe, próximo do cemitério, no final eu tenho razão –; eu descobro a obra porque também tematizo a obra em branco, em negro e em vermelho, desisti porque disseminava mal as figuras ao longo da história.

Mas hoje vejo a Lua no céu, sem a luz dos postes e das janelas para atrapalhar, o sentido é algo que não via logo quando entrei – uma mocinha de verdade, de pernas cruzadas como se meditasse, estaria ali bem antes de mim e de acabar a força –, só notei porque cantarolou, creio que sem se dar conta, alguma coisa da Hildegard Von Bingen.

## **2ª parte / flauta doce**

O terror seria apenas uma remissão ao passado ou a falta da luz viria ao encontro de arrefecer a noite; mesmo assim ela trazia as mangas compridas, vi primeiro as mãos mexendo no escuro; vejo também os tornozelos, os pés, os dedos dos pés atravessados pelas alças das sandálias, em forma de V. O decote começa nos ombros quase descobertos, outro V antes de reconhecer o rosto redondo no meio dos cabelos. Sem traição, sem pavor, sem sangue; sequer estava como eu realmente gostaria de descrever.

Isadora sorria na escuridão – não era Mantis, que já enfrentou o Doutor Estranho; não era Meggan, do Excalibur; não era a Meg White –. Meus DVDs na estante, traçar os livros entre



*Kolchak: the night stalker*; a palavra expressa como chegar daqui ao vale verde do mágico de Oz, em Nossa Senhora de Paris, na saia vermelha da Gal Costa quando jovem, entre o banquinho e um violão. Faz alguns anos, logo que me mudei para cá, ainda a via através da janela, enquanto se dividia; muito mocinha, fazia o que fazia, nada além disso. Depois sumiu, dirá que havia viajado, prefere ficar por lá, às vezes gosta mais daqui... Seria Ulisses diante da Gradiva, que avança por trás da luneta; então eu vi que não poderia ser oboé, nem clarinete, nem flauta de madeira.

– Luciano, olha lá, depressa! – estava pronta para me entregar a luneta, mostrava o escuro apontando o dedo naquela direção. Dirá, quando estiver menos afoita, ser sua luneta mágica; Isadora sabia o meu nome, ainda tentava corrigir a mira antes que sumissem – Você demorou demais!

A luneta na escuridão aquém do bem e do mal, sou hóspede naquele terraço e ela parecia bastante alterada. Nada de cristal para calçar; nada de pupa, casulo, borboleta; o cisne só seria símbolo da noite feminina e lunar; algumas velas, foi isso que Isadora via, se focalizava as janelas dos prédios distantes?

Por isso interrompi o conto, meu primeiro plano para Luciano Breuer; estou agora diante dos súcubos, assim como o Breuer original, diante de Anna O. Isadora quase cai, meu engano, estaria bem equilibrada de cócoras, ave na mureta do terraço; o corpo que cai sou eu. Depende do ponto de vista: a janela é a sua face branca, a Lua crescente acaba de colocar o cigarro apagado na boca. Precisa se acalmar – você não viu mesmo? – vi, no centro de um edifício distante, a janela vazia e a iluminação fraca das velas lá dentro.

Velas para o assombro; Isadora está sentada, suas pernas balançam sobre as cabeças lá de baixo, fumando seu cigarro.



### 3ª parte / nenhum objeto natural

Tinha certeza que viu, Isadora estava tão bonita. Mesmo assustada, sorria; seu susto pânico encontra o desapontamento quando respondo que não vi, as sombras projetadas na parede da sala não seriam nada.

– Eu juro, eu vi um homem enforcando uma moça lá naquela janela, parecia que estava vendo televisão – a imaginação e o filme passavam diante de mim; Isadora mira o horizonte, imagino se apenas eu poderia ver Isadora lá. Uma alucinação da menina, minha mente divaga entre as fantasias dos contos de terror; o que eu fumei antes de subir não seria responsável por tudo isso. A moça não teria feito nada para se defender; as mãos estariam amarradas às costas, os tornozelos, amarrados também – parecia desequilibrada na cena da janela –, havia alguma coisa na boca impedindo a fala. O caso da forca ficava mais bizarro, a corda no pescoço teria de passar por alguma argola presa no teto para que o homem a enforcasse assim, como se quisesse sufocá-la bem devagar, dando à moça alguns sopros de vida.

– Isso mesmo, Luciano, alguns farrapos de vida.

– Sombra de sombra?

– Quase isso, quase sombra... juro que ela olhou para mim. Olhou bem dentro da luneta, não sei como ela me percebeu espionando tudo.

Para o que servem os objetos dos apartamentos – as entrelinhas da decoração –; um gancho para colocar a rede, o sofá vermelho, a cadeira coberta com veludo imitando pele de onça pintada, os bichos de estimação e seus estragos. Onde minha alma exterior habita, Isadora não se esquece dos seios pontudos da outra menina, bem maiores que os dela mesma.

– Grandes assim, Luciano... nua daqui para cima – não sabe com o que se cobria abaixo da cintura –, quando me percebeu, acho que tentou se proteger com as mãos, mas não dava.



Isadora ficaria presa no plexo solar; viajaria na arca de Noé, porto seguro de suas impressões. Ainda sinto o piso frio do cimento sob os pés, minha terra santa aponta para a mocinha que agora faz do parapeito sela; acende outro cigarro: sua beleza se arrisca entre a vitória e a glória.

Meu reino naquele terraço, o desejo não tem nenhum objeto natural enquanto ela fala; não escuto, apenas tento não lembrar alguma coisa. Em outros lugares, Isadora espera pelo seu ocaso como todos os animais guardados atrás dos seios; a coleção de células, fungos, faunas, além daqueles que povoam o mundo ao redor de si; meus gatos por fora, os macacos que conheci na Índia, donos de templos; eu mesmo entre o céu e a terra diante do corvo ou da pomba; Isadora iria me mostrar pelo menos uma janela depois das chuvas.

Talvez um projeto, uma proposta – ela estará pronta para se oferecer, daria seu colo como garantia –; estava quase nua quando se comparou, os mamilos pequenos antes da camiseta, o decote V e os dois pontos. Do que Isadora gosta? Um modo de sofrer bastante singular – meus modos de me intrometer em tudo –; a difusão do que seria capaz de promover se fosse ela na mira da luneta; estivéssemos só nós dois naquele apartamento entusiasmados com o fumo, com as velas, com a força... só assim, caminharia pé ante pé sobre o parapeito, correria os perigos de ficar nas pontas dos pés ou sufocar; peço que uma fonte jorre ali, que haja água para navegar. A porta dos deuses fica próxima da minha garganta; por onde mais passaria Isadora rumo à minha cabeça?

Então ela se torna a Isadora original entre os gregos; sugere o champanhe, o chocolate, a echarpe enrolada ao redor do pescoço, que é um tipo de força, enrolada nas rodas do automóvel ou nas minhas mãos.



#### 4ª parte / queria kether, ‘or ein soph, ein soph, ein

Nas línguas estrangeiras tudo parece gemido e urro; o bárbaro resmungo alheio se aproxima do grau zero de todas as linguagens. Cabeça vem do latim *caput*; em grego se diz *kephalé* – o radical é o mesmo –; em hebraico, *kether* significa coroa – cap, keph, keth –, a única relação é poética; está escrito antes dos cabelos. Não sei, porém, o que Isadora significa; o presente que ela é escapa no A.

De boca fechada, escuto os olhos verdes da mocinha da força, seus cabelos encaracolados mesmo cortados curtos; deu para ver algumas tatuagens nela sobre os braços, os traços no braço direito pareciam letras do alfabeto latino. Recuperado o fôlego, Isadora prosseguirá; nas costas do cara – não pode ver o rosto – viu tatuado um poema visual do Ernesto Manuel de Melo e Castro –, seu signo explosivo –; acima do poema, o caligrama em árabe na forma de leão. Isadora sabe de tudo isso porque eu também sei; o caligrama estava escrito em nome do leão de Deus, a face de Deus, o vitorioso Alá.

Sou feito a sua imagem e semelhança, meu corpo místico coincide com todos os outros; de Nora Dronson a Isadora parece que escrevo sempre a mesma história; ainda sou Matthew Hopkins à procura de todas elas – caçador das bruxas –; fico entre aquele que salva e o que pune. Quem sabe, depois de se amar, o casal da janela não está deitado agora, à luz de velas, e ela lê para ele alguma coisa próxima?

A mim, cabe admirar Isadora e sua dialética: através da verdade, a mocinha transita entre os dados da luneta e a interpretação. Sentido significa só processo da percepção ao *lógos*.





## O COMEÇO DE TUDO

### AS DESVENTURAS DE LETÍCIA

O nome é boa parte da coisa ou da pessoa, não em sua significação, mas em seus equívocos.

Letícia nasceu no estado do Maranhão; era para se chamar Catirina; era para se chamar Maria Imaculada – o pai insistia no nome profano, a mãe, no sagrado –. Trabalhar como bois, sua atenção nas coisas da terra fixava a cultura e os costumes; Catirina, grávida, deseja comer a língua do boi predileto do patrão do marido. Um desejo mórbido: a língua vale pelo corpo todo; a mãe, católica, queria para a filha as graças de Maria, mesmo sem saber o que o nome Maria significa.

No momento de registrar a filha, o escrivão do cartório, fora da polêmica, resolveu escolher pela menina. Pernóstico, queria ser entendido de etimologia, leitor de glossários e de dicionários; para ele, “esquecer” é uma palavra bonita; em grego, é o nome de um rio. Leitor de Odorico Mendes, arrisca derivar, de Letes, Letícia – deu a ela nome distante do Bumba Meu Boi e do cristianismo –; um escrivão ateu, mas adepto da filosofia, leitor do *Crátilo* e do *Fédon*. Contudo, errou a raiz da palavra; Letícia vem do latim *laëtitia*, quer dizer alegria, ledice, fertilidade do solo.

A menina cresceu como as folhas, despontaria frondosa e florida; de fruta é sua textura, assim concreta. Perdeu a mãe ainda criança, perdeu o pai antes de sair da adolescência e se tornar mocinha; herdou riquezas, educação estrangeira; vinte anos depois vamos encontrá-la em São Paulo, na capital do estado, dona de si e ainda confusa com seu próprio nome.

### **Cora e Carina**

No esquema cíclico do zodíaco, Câncer opõe-se a Capricórnio. O primeiro é de água, o segundo, terra; um é regido pela Lua, outro, por Saturno. Entre as interpretações possíveis da



astrologia, Câncer é chamado porta dos homens, Capricórnio, porta dos deuses; por aquela, homens tornam-se deuses, por esta, deuses tornam-se homens.

É possível, ainda, projetar o esquema astrológico sobre os amores descritos por Sócrates no *Banquete*, de Platão, e verificar que em Câncer, fala Agatão, enquanto em Capricórnio, fala Diotima. Em seu discurso, Agatão cita Homero ao descrever Áte, a fatalidade, nos versos da *Ilíada* “seus pés são delicados, pois não sobre o solo se move, mas sobre as cabeças dos homens ela anda”, e compara sua delicadeza ao Amor – para o orador, o deus mais belo, melhor e mais feliz –. “Paz entre os homens, e no mar bonança, repousa tranquilo de ventos e sono na dor”. Diotima, por sua vez, propõe outras definições do Amor; por último, define aquela que a tradição ocidental convencionou chamar Amor platônico, antes da noção romântica de amor se apropriar dele e de suas condições.

Na casa anterior a Câncer, em Gêmeos, está a fala de Aristófanes, em que é contado o mito dos andróginos, castigados por Zeus e divididos em dois, homens e mulheres; uma prova de fôlego, regida pelo planeta Mercúrio. Cora vem do grego *kóre*, quer dizer “jovem”, e Carina vem do latim *carina*, quer dizer “quilha do navio”. Perto do mar, era isto que Letícia via diante de si: um navio a cortar as ondas, com o busto de duas jovens na proa.

Jogavam cartas na mesa oval da sala, cada uma por si, duas contra uma. Cora e Carina são idênticas, só não vestiam as mesmas roupas; gêmeas iguais, mesmos adereços, mesma cor e corte dos cabelos; no máximo, seriam dois anos mais velhas que Letícia.

A casa pertencia às gêmeas; presente dos pais, eram ricas o suficiente para conquistar a independência antes da maioridade. Eram como Letícia, não fosse a orfandade da moça, sua herança visivelmente maior, a emancipação da idade quando herdou os bens. Conheceram-se assim, de passagem, Cora e Carina convi-



daram Letícia para ficar alguns dias juntas. Fruto do momento, a ideia surgiu e arrumaram tudo na hora; descer as serras rumo ao litoral, levaram apenas as mochilas de sempre.

No segundo dia, as irmãs, entediadas no rumor da noite, propuseram jogar; Cora tinha o baralho, Carina ditou as regras, um jogo simples. As cartas formam casais: a espada e o coração, o losango e a arvorezinha – a casa isolada do mundo –; quem terminasse com o coringa perderia a partida e mais algumas coisas. Para Letícia parecia justo; entendido o jogo, perdeu a primeira mão.

Os olhares cruzados das irmãs... estamos combinadas... um sorriso em cada rosto.

Cora, a desleixada das duas, não havia se lavado ao chegar do mar; a parte de cima do biquíni escoa, a mini saia jeans está bastante puída, descalça... deixou a mesa para buscar a caixinha de vidro escondida por ali. Carina vai em direção dos armários da cozinha; ela que não se descuida, no vestido de seda para mostrar os seios pontudos. Cora desfia o fumo prensado no papel de seda... Carina voltou com a garrafa de uísque – 18 anos de malte –... disseram que serviria para comemorar; que Letícia bebesse e fumasse com elas seria um castigo justo.

Precisam ficar bêbadas e fumadas antes de falar de amor – Carina e Letícia, dois trissílabos –; Cora, mesmo desmazelada, é a mais bonita das três. Cora, na cabeceira curva, a nota aguda da elipse, está sentada sobre a perna direita, as rótulas dos joelhos e dos tornozelos sujas; Carina via o reflexo da irmã no verniz da mesa, havia cruzado as pernas como se fosse faquir, às vezes acaricia os cabelos pretos de Letícia.

Em poucos minutos, Cora perdeu a segunda partida. Mal reconheceu a carta, disse que perdia de propósito só para se despir –; o castigo seria se livrar das roupas aos pedaços; daí por diante, os seios pareciam duas peras. Carina perde... quando Letícia perdeu, disseram que deveria pagar em dobro, uma pena para cada irmã.



As regras mudavam. Letícia não se importa de ficar descalça, incomoda-se mais quando teve de pagar de novo. Os seios seriam bem maiores que os das gêmeas; suspender a blusa – o pano para nos peitos, cobre seus olhos, Letícia enroscada nas mangas –; pensa ver Cora, Carina e o beijo, dado espelho.

A blusa pagava um par de mangas, com as calças pagou por cada uma das pernas; Carina tem a vantagem, Cora e Letícia só poderiam perder mais uma vez, quem deixou Letícia nua foi Cora.

O chão frio – buscava segurar o chão com os dedos dos pés, escorregava nos tacos de madeira lisos –; o encosto da cadeira ao encontro da pele, as pernas nas almofadas gastas roçando no tecido quando se move, encabulada por cima do veludo. Cercada do mundo, a pele e o ar seriam o vento e a superfície do mar, as ondas na mente das meninas.

A única desnuda, não recusou o beck, o grogue, o jogo que continuava; Letícia, que perdeu de novo.

### **a roda dos castigos**

O fumo e a utopia – as irmãs fumavam entre si várias vezes antes de passar a erva a Letícia –; Cora lembrou à perdedora o quanto deveria pagar. Letícia passou a encarar as duas submissa – a ideia de Cora poderia muito bem ter sido ideia das duas –; vigiando Letícia para não fugir, nem se vestir, Carina voltou trazendo coisas invisíveis dentro da bolsa.

Passos com delicadeza, enganou Letícia ao chegar por trás, ao fazer o caminho do quarto pelo corredor, pela cozinha, pelas costas; disse feche os olhos e abra a boca quando lhe tocou as faces, Letícia ficaria surpresa com o lenço-venda e o beijo.

Cega, como Tirésias, mal teve tempo de recusar quem lhe juntou as mãos entre as suas; quem começou a amarrar seus pulsos com desenvoltura. A brincadeira é a véspera de tudo: as



irmãs fizeram com que Letícia se levantasse zonha da venda; do beijo, foi puxada pelo nó dos pulsos, sem tempo de se esconder. Tateou descalça para não cair, deram com ela no sofá da sala.

Fique bem quieta, está quase pronto. Enquanto uma das irmãs trazia para si os braços de Letícia, atava o nó ao braço do sofá, a outra fazia o mesmo com as pernas e os tornozelos; Letícia no navio escuro – as mãos, à proa; os pés, à popa –; Cora e Carina diante do mar e do corpo.

Desequilibrada, Letícia não sabe bem o que sente nem como prosseguir. Foi levada feito vela, içada, às curvas do timão; a quilha afiada corta como faca e quem segue só percebe o vento. Não consente, apenas não sabe como fugir; descalças, os pés silenciosos das gêmeas não fazem ruídos; quando terminaram de amarrar Letícia, desapareceram; os rumores do campo, fora da casa, o mar ressoava longe igual ruído branco.

A tentativa de se levantar fracassa, as cordas presas de verdade sustentam o corpo estirado; Letícia sorri, ficaria mais feliz do que de costume, ensaia dizer alguma coisa... primeiro, mansa, depois a se contorcer, nas dobras do sofá. Um toque de pianista, com delicadeza, logo abaixo das costelas, ao lado dos seios, das axilas; o toque percorreu o corpo, Letícia salta em convulsão sobre as almofadas. As mãos e os tornozelos que já se debatem; escaparia da boca “não”, pega de surpresa; antes que dissesse “não”, foi atacada de novo... pensa que sufoca.

A superfície fina, papel de seda que se rasgaria com facilidade, as unhas das irmãs pontudas como nos concertos trágicos. O riso sardônico viraria o timbre da loucura: Cora ou Carina – não se via qual – fustigaram Letícia com leveza. Riscaram seu colo, o contínuo dos braços e das costelas ao ventre; Letícia em agonia não sabia quando... sentia quando duas mãos viraram quatro: vinte dedos próximos do fim. Os soluços, as lágrimas descem em cascata através das pálpebras cerradas; molharam os cílios e inundaram a boca de saliva e sal; o cabelo solta, a cabeça roda,



o corpo treme de terror e riso, quase não consegue respirar, as gêmeas cada vez mais rudes. As cordas machucariam os pulsos e os tornozelos; alguém alcança seu pescoço e a nuca; a outra desce para os pés... “o pé não!...” também não conseguiu dizer... as unhas delas nas plantas dos pés lisos e delicados de Letícia.

### **a porta das damas**

No *Fédon*, quando são afrouxados os ferros que prendiam Sócrates na cela, o filósofo tece breves comentários a respeito do prazer e a dor. Deitada de bruços, Letícia recuperava os sentidos, mas continua amarrada – de bruços, admiraria o chão virada para a Lua –; a letra A em seu nome, em ditongo crescente, Letícia não consegue se mexer. As dores no ventre não haviam passado; a luz branca entra através da janela aberta, a casa está às escuras; haviam apagado as luzes: a Lua e a consciência de Letícia desenham sombras nas paredes.

Perto da janela, as irmãs deitaram a poltrona ao contrário, símile do delta luminoso; deitaram Letícia na pedra angular; o ventre ficaria dividido, cada parte do corpo se dobra sobre um dos lados do triângulo.

As pupilas se dilatam no escuro; despertou sem a venda nos olhos; quando levantou o pescoço, viu Cora mimetizada na noite, sentiu os toques de Carina nas pernas, com as duas mãos. A respiração quente e enfumaçada de Cora fez Letícia fumar involuntariamente; foi pega de surpresa pela irmã que lhe beijava a boca, beijo apaixonado e doce. O beijo demorado, as carícias de Carina... Cora, sobre os tapetes, afastou-se para ver a obra. Carina se entregava aos lábios e à língua, abraçada às pernas de Letícia; beija os lábios e o ânus, outro rosto.

Cora abriu as pernas e pousou os pés sujos nos braços de Letícia; foi pisar nos cabelos, encontrou as maçãs, o nariz, a boca. Não resiste, Cora fez com que Letícia lhe beijasse os pés, o asfal-



to, a praia e o dia todo, que ficava neles – o sal, o odor agridoce do asfalto, a pele bem suave no meio, áspera nos arcos e nos calcanhares –. Carina acompanha a irmã, passeia pelas pernas da mocinha presa, sobe com os dedos dos pés – fende Letícia ao meio com os pés, ora os hálux no ânus, ora o pé mergulha como carpa pronto para descobrir –; a planta do pé se espalha, desce até o centro da Terra com o calcanhar.

Afagada com zelo, Letícia oscilou entre Carina e Cora feito barco; amarrada para não partir à deriva, deixou-se levar passivamente pelas duas, uma de cada lado, no meio da espuma.

Fatal, Letícia, como o poeta grego dizia:

*Como pudera eu reagir? São os deuses que tudo dispõem.  
Áte é filha de Zeus, deusa excelsa que os homens conturba,  
Nume funesto de pés muito leves, que a terra não roça,  
ao caminhar, mas passeia por sobre a cabeça dos homens  
ocasionando tropeços. Té seres mais altos enleia.*

*continua..*







## CIRINO E O GUIA

VIAGENS NA MINHA TERRA OU

COMO CIRINO SOBREVIVEU À MORTE DE INOCÊNCIA

– Prove dessa erva, meu caro médico, tenho certeza de que vai ajudar na sua coleção de remédios – sugeriu o guia ao lado do moço do cavalo escuro, passando ao companheiro o cigarro de palha.

O perfume doce e a paisagem seria outra.

Quem segue pelos morros de Minas Gerais está quase sempre fora do tempo; no espaço curvo, cada onda hesita se mostra uma passagem cavada no chão, cercada de mato, ou vales imensos. De manhã cedo, a neblina transforma o verde em cor de prata, faz o inverno e o frio; as estações do ano ao correr do dia, ao meio dia o Sol a pino esquenta. A trilha se desdobra devagar, impossível errar nas voltas em S, T, em A... todas as letras.

No vale descoberto diante dos rostos, Cirino observa, hesita temeroso, ainda sente as pontadas do tiro que levaria à queima roupa; a simulação da morte, pensava, o deixaria em paz.

“Não, obrigado”, mas aceita.

Encontrou os olhos do homem, quem deveria lhe obedecer, avia receitas e conselhos como se soubesse curar. A voz grave, presa no peito machucado e na mistura dos animais guardados no plexo solar; os ás e os ós dentro do peito para atormentar Cirino mais que o tiro, mais que o próprio guia.

A fumaça sufocou as feras, mostrou para Cirino o horizonte ameno; perdido, não sabia os nomes das coisas que via, precisaria deles para atravessar as serras.

### **esquecimento**

O odor almiscarado diante da capela parecia mel e parecia; Cirino, malgrado vontade do homem, parou para respirar e tossiu. Haviam descido o morro quando ouviram o barulho da água nas



nascentes minutos atrás, o rapaz lembrou-se da sede, parou; não desmontou, como pretendia, permaneceu a cavalo para ver melhor. A estrada termina no horizonte, linha quase reta sobre terra batida e lama; no canto fundo, a água jorra respingando nas pedras e no musgo, uma casinha miúda exposta pelo vale.

– T de aTravés e vamos embora – explica o guia para Cirino sua situação. Queria estar ali... pois ficasse, estátua de madeira, duro, fácil de quebrar.

O guia resolveu escutar os pássaros, os grilos, divisar o capim ainda úmido, atento se haveria vacas, pois chovera na noite anterior. Remédios mais fortes para cabeças duras, mais antigos que as ervas escondidas nos bolsos do casaco preto; agora fumava fumo de rolo, descansa e prepara seu apetite de guia.

Os dois não são amigos; Cirino de cabeça baixa perde o horizonte cinza e o calor em ondas fracas pela refração das nuvens. Procura pelos sinais, as marcas feito aspas, ) parênteses assim ( , o hálux é ponto e vírgula e vestígios em fios de lama, em poças miúdas, prontas para evaporar e secar. O rasgo de tecido vermelho preso no espinheiro ele não viu – símile da borboleta, Cirino, e você nem se lembra mais por quê.

### **perdia mais, ainda**

Um significante estranho; a natureza sorri aos viajantes, enquanto Cirino só enfocava o chão. Perante o guia, na observação astuta, a mente do rapaz trabalha, os pensamentos densos acima da cabeça, a imaginação faz nuvens que ele poderia ver. Fez menção de virar o cavalo na direção do médico, foi detido no gesto.

– Alguém passou por aqui faz pouco tempo – disse Cirino, fixado nas marcas.

O guia prestou atenção nas abelhas, havia mel e leite por perto, bastava ouvir o mugido das vacas: a casinha não estaria em ruínas ou abandonada, quem deixara as pegadas ali, ia e vinha em sua direção.



– Já considerou a possibilidade dela não ser como você pensa?  
Cirino levantou a face, indignado entre o horror e a raiva. O olho no lugar do murro; quanto mais cólera, mais calma por parte do outro. Traído pela desconfiança do guia, a vez da desconfiança sua; amigo maquinando uma artimanha ou bufão, traidor ou tonto. Cirino pensou no segmento áureo para se justificar, encantado com a simetria projetada nas pegadas deixadas na lama, o médico reconstruía quem passou por lá. As marcas dos dedos como notas de rodapé, seria leve pelas poças rasas – a delicadeza no fazer das linhas que ligavam os pontos espalhados – como se dançasse, a moça passava pela sua cabeça. Em instantes, estariam prontas as pernas, as curvas dos calcanhares e dos tornozelos traçadas com esmero – a saia só permitiria ver abaixo das canelas –, imaginará joelhos, ombros, os cabelos.

### **o médico malicioso**

Parado sobre o cavalo escuro, Cirino parecia corpo, alma, mas não tinha espírito. Vai repetir para se acostumar, dessa vez será mais preciso no erro.

– Que mulher você espera encontrar por aqui?

Antes da réplica, já se adiantava no sentido do moço.

– Vamos embora, não queremos estar nessas regiões quando anoitecer...

Cirino livrou-se do casaco, precisava respirar melhor; seguiu obediente, virou-se diversas vezes para examinar o lugar e a casa, cada vez menores.

– Nosso trato vale? – lembrou, sem encarar o guia.

– Tem o valor da minha palavra.

– Pois então, eu quero conhecer aquela moça.



## **legião e coro**

Encolhido na manta, sem Sol do meio dia, a febre voltaria com a tarde. Dependeu do guia na hora do almoço e agora o vê mergulhar na lagoa cercada de pedras, em direção à queda d'água. Viu o tamanho do homem quando desmontou da égua, não esperava pela força e a corpulência do velho.

Debaixo do chapéu, a cabeleira grisalha, fios ainda pretos, como na barba e nas sobrancelhas; o bigode vasto lhe cobria a boca, os dentes amarelos de fumo, peludo como macaco no peito, nas pernas, ao redor do umbigo. Forte, entrou na água gelada sem recuar, foi devagar para recolher o frio e mergulha. O tempo desacelerado da tarde, o médico poderia ler as figuras do livro calmamente. Uma tatuagem dava início à outra, como nas novelas; nenhuma cor, todas em nanquim preto sobre a pele vermelha, cor de bronze. Escritos exóticos, não reconheceu nada fora do latim, perdeu o grego, o árabe e o devanagari, entre o hebraico bíblico e os ideogramas; pentagramas, círculos, cruzes e quadrados no meio do bestiário formado por carpas, serpentes, aves de rapina; olhos nas articulações dos braços, as voltas seriam picos se espalhando através das veias para ver na escuridão da morte. O livro sumiu debaixo d'água lentamente, quando reapareceu, saído da corredeira com os braços levantados acima da cabeça, segurava o cabelo pronto para a cruz e o pássaro, marcados em espelhamento, a simetria dos contrários pelo corpo do guia tão bizarro.

## **ad lectorem**

O guia voltou dos pastos satisfeito – o pasto amigo –; sentados ao redor da chama e da caneca de ferro aspiravam o espírito do vinho apto para ferver, antes da infusão; o velho tirou da bagagem o caderno de notas:



Para cantar de Amor tenros cuidados,  
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento,  
Ouvi pois o meu fúnebre lamento;  
Se é, que de compaixão sois animados:

– Depois, o país fica sem borboletas – respondeu Cirino, num assomo de despeitado.

– Você é ouvinte ligeiro – retrucou o guia –, há palavras sob as palavras, mas você ainda não percebe. Amor ressoa em montes e se prolonga em instrumento, só depois há rima com lamento. Todos heroicos, como você gosta de parecer montado em seu cavalo.

– Assim você demonstra tudo.

– Amor, montes de lamentos.

O riso sardônico na boca do moço surgiu com a pontada de dor no diafragma.

– É só um truque, Cirino, não se irrite.

A lira é instrumento solar, a viola e a corneta curva de cor preta, não; tambor ou sistro ou mandorla, alaúde ou cornamusa, ressonâncias entre os instrumentos e as obras. Cirino provou o gosto amargo da bebida, vai comer agora o que os centauros comiam ouvindo a conferência dos pássaros e sonetos de Cláudio Manoel da Costa.

– Amor, montes de instrumentos – comentou Cirino; o guia foi sorver seus goles e acender o fumo no fundo da caneca.

### **a noite do caçador**

Guia, na fogueira acesa, lançará centelhas na fogueira acesa na abertura do punho brasa.

Livre das botas e dos capotes, mergulha na escuridão livre do chapéu; começa cavalo, cor de ouro, sem arreio e sem prata, depois vira cachorro, volta a ser macaco, surge no descampado boi, no meio dos charcos, sapos, voava de galho em galho feito ave.



Pavão noturno, o leque tem as pontas cor da Lua, o fogo do punho vaga-lume; loucura sua, Cirino, o homem não pode ser coioote, corvo, pantera; mirra misturada com almíscar, perfume na orla da fogueira, olor da erva desbragada, o guia permanece ali parado e vaga. Asa atrás da orelha, vespa, favo de mel no fim da ceia; guia virava contador da fábula das abelhas.

A legião das criaturas cisca, o chão parece que se move mansamente, a luz parte do olho para nivelar espaço e tempo e Cirino pode ver a mata escura mesmo na penumbra, mesmo no escuro. Mudo, foi atormentado pelo eco dos morcegos, cada onda que batia à sua volta reverbera no mancebo besta; o sorriso V de aVesso na boca B de Baleado; o tigre e Cirino cabra, vou matar uns bodes, vou comer as cabras, vou fazer a festa nesses bichos fracos.

Cirino lê no ar todos os avisos, capim santo e erva doce no galho verde repleto de bolinhas; uma cai na terra, som de passo seco como tapa, salpica aqui e ali o som das ervas feito passos molhados. São quatro olhos pelas quatro faces do guia mergulhado nos rochedos, a cabeleira faz a mata do planeta; onça negra, Cirino encontra a fuga, o guia e a presa.

Contracanto de sapos e cigarras, o cachorro negro e a raposa esperta; a realização dos desejos.

### **a vez do vinho**

De dentro da casinha, uma capela, Cirino viu quando ele assomou na curva da estrada. Iluminado de velas, a noite lá fora ficava ainda mais negra; vinha devagar, marchava resoluto, a ave moça garça pousada no seu ombro esquerdo. A moça dos passos, contrafeita, agitadora, difícil de comover; a saia feita de retalhos, o cabelo ondulado em desalinho; falava numa língua estranha, desconhecida do médico.

O guia entra; a onça se lança no ar enquanto a moça assume o centro da sala, cada braço, sua arma; a saia se desmancha



colorida, as coxas, as canelas e os tornozelos sob a luz da saia. A ideia no lugar serena, o guia se constrói, o vergalho enorme despontou das calças; o membro enorme, parecia Y o guia de pau duro dentro da capela. Agora apenas homem, abraço para reflorar, os muitos braços dela ao encontro dos pelos do peito e dos desenhos. Suas pernas de cabra sobem pelas pernas torres; boquiaberta, sorveria no ar os urros, a mirra, todos os incensos.

### **a borboleta negra**

Pousou nos dedos de Cirino e logo se foi; deixou um pouco de pó negro, colocou Cirino imerso na literatura negra. Solta do alfinete, saltou por cima do médico doente.

Cravou as unhas dos pés, os dedos curvos como aves, abriu os braços ao redor dos pulsos enlaçados, feito duas asas. A pele escura, muito azul escuro à cor da noite, viraria sombra na capela negra, a dama negra sobre o médico machucado lhe beijava a boca, os olhos, os cabelos. Pisou com força no peito, na ferida, zona entre fomes e afetos, que fica entre parênteses sobre duas aspas; deixou montes de marcas, pois que vissem o médico, ardoroso e reto.

Na manhã seguinte, a cavalo, Cirino e o guia seguiam sossegados. Impossível descrever o que se percebe na extensão do verde, a palha seca se transforma em ouro, engana a vista; algumas árvores perdem as folhas verdes e se tornam troncos-flores de outras cores, feito folhas. Contagiado, somente a fruição deslocaria a atenção do fato, que se exprime em todos os insetos, através dos sapos, das cigarras e dos tigres; a flauta, o fole, o órgão falado nos templos.

A dama negra ainda te acompanha – fruto do desejo – dispersa sobre a lama visgo, fóssil, mas te encontra dispersa no vento e nos aromas da floresta densa, espalhada enorme, com você no meio.



Sem se deslocar na cela, Cirino, lado a lado com o parceiro guia, persegue, na marcha dos cavalos, a escansão das sílabas; por pouco fala, a marca dos cascos pelo chão de terra e de barro, o rumor da língua nos ouvidos:

– Se os poucos dias, que vivi contente,  
Foram bastantes para meu cuidado,  
Que pode vir a um pobre desgraçado,  
Que a ideia de seu mal não acrescente!

Aquele mesmo bem, que me consente,  
Talvez propício, meu tirano fado,  
Esse mesmo me diz, que o meu estado  
Se há de mudar em outro diferente

– sussurrava o guia distraído, entre um planeta e o próximo.





## UNS LÁBIOS

mandíbula – *bistrot*: vagina

*lux*

*potest*: sangria

tudo sangra sob os estrobos

*Delmo Montenegro*

A fila dava voltas, ainda bem que não havia se drogado o suficiente antes de entrar na fila.

Odor de remédio nas narinas, a mente drogada por princípio.

Invocar Nossa Senhora Desatadora de Nós e entrar.

Vinte anos, não viveu um só momento.



Do lado esquerdo, o palco vazio serve para sentar. Mesas à luz de vela, velas no candelabro do teto; no canto direito, ao lado do recepcionista Igor, a banca de madeira com artigos de couro: coleiras, arreios, espartilhos, cintos. Na parede do fundo está o balcão; quase no centro, a escada desce ao andar de baixo; não há andar de cima. A escada termina no corredor dos banheiros, o corredor termina no pátio descoberto, no canto escuro do pátio, discopélvis disclampsia discohell.



Sozinho, como se já estivesse morto; a mandíbula dura, ficaria ainda mais dura e anestesiada. Taquicardia, o coração em disparada; o amor está no ar. Algumas fora de contexto, a transpiração fria, veria tudo fora de foco; os dois mocinhos magros pareciam ter as mesmas pernas, do tronco surgiam dois troncos, dois bustos, duas cabeças. As mesmas calças cinzas, as camisetas pretas de mangas compridas; cabelos espetados feito agulhas, a criatura entre outras criaturas. Sentada na janela, a simulação da síndrome do pânico, de meia arrastão preta e vestido cor de rosa; quase sem seios, quase feia, coleira cravada de setas pontiagudas para afastar. Vai ver, você já viu o cara de calça de couro encostado, encostado, encostado.



Sobre o balcão de madeira, a dançarina pelada pisa descalça  
no balcão molhado, derrama cera de vela sobre os seios.

**perde a cabeça  
drogado**

**bate a punheta  
caralho**

**manda um papel  
chapado**

**clama por Deus  
irmão**



No porão, o salão grande e escuro, uma caixa de som em cada canto. Um cara acabado, permanece encostado enquanto examina as meninas, feito sociólogo; rentes à parede da esquerda, como nos museus, estão expostos a bateria, o contrabaixo, duas guitarras, cinco caixas de som, o microfone no meio do palco, cercado pelos instrumentos. Muitas mocinhas dançam alucinadas; outras, menos animadas, fumam escondidas. Maquiagem borrada; outra pisa no chão com as meias fumês rasgadas e as unhas pintadas de preto; a música vem apenas das caixas nos quatro cantos.



quando ela entra ) quem há de dizer? ( meu caro leitor ) está vendo, daquela mesa bebendo ( entra no vestido de vinil escuro – uns lábios vermelhos – cabe no vestido pele, grudado nas coxas e no colo, no alto dos seios, parecem duas taças. A pele tem a tessitura clara, o vestido tem a tessitura lisa, rima com os cabelos; as botas de canos altos, acima dos joelhos ) com o destino da Lua ( a face surge de lado na cortina negra dos cabelos pretos, a meia Lua vira Lua nova vira Lua cheia de frente para o microfone ) todos que andam na rua ( voz de contralto, sobressai por cima das guitarras, ataques nos tambores e nos pratos; mantém a classe equilibrada nos saltos – a bailarina espanhola – quieta no decorrer dos solos – a dançarina chinesa – faz dos dedos mudras, que parecem bichos, quando fazem sombras nas paredes – a sacerdotisa indiana – ) com o destino da Lua (



**eu amo você  
como quem não vê sexo  
nas flores de Mapplethorpe  
nas flores de Georgia O'Keefe  
nas flores  
puras  
como uma princesa careca  
chinesa**

**eu amo você  
como quem não vê sexo  
nas máquinas de Picabia  
nas máquinas de Giorgio De Chirico  
nas máquinas  
puras  
como uma dominatrix branca nova-  
iorquina**



Diz o poeta pernambucano nas duas primeiras estrofes do seu tríptico.

A noite em São Paulo e estar em Tóquio, Amsterdã, Berlim, Inglaterra, na França, em Nova Iorque... No Brasil, desde o século dezenove; no subterrâneo, a Roma submersa do poeta Nero. O transe febril percorre o corpo, vinte anos em um só momento. Um minuto de silêncio; tocaram Weber quando começaram de novo.

tocaram a *Passacaglia opus 1* de Weber o baixo introduziu o tema as variações foram feitas pelos outros músicos enquanto ela permaneceu parada em todos os compassos acompanhou as variações sem perder o fluxo do tema nenhuma vez desviou o olhar imerso na duração da música na cabeça dele ela foi a droga fatal





o fumo o pó o trago o doce vestida de vinil o talhe esguio sobre os saltos altos as pernas e o busto de vinil escuro parecia disco rodou como hipnose a espiral rodando como truque te deixou chapado e com o pinto duro apesar de toda cocaína todo sangue desviado em direção à mente o sistema nervoso irrigado como flores no jardim de neve e de granizo só a boca vermelha para marcar a zona vermelha numa mancha de batom no papel anestesia do beijo com gosto de remédio adormece o nariz e o céu da boca parecia que já te beijava antes de recomeçar a última música foi *Ionização* de Varèse ela na voz de uma das sirenes no microfone e cantava em dueto com uma das guitarras o baterista substituía os percussionistas virtuosamente o baixo em dueto com o bumbo a outra guitarra com os pratos a transcrição perfeita quem souber se salva na banda da menina de vestido de vinil brilhante na iluminação tardia do ambiente escuro a voz batia nas paredes reverberava pelo microfone feito radar quando voltava aos ouvidos dela depois de passar pelos ouvidos dele maluca capaz de ler os pensamentos deles e os pensamentos delas parecia embuste mergulhada no espaço curvo o tempo curvo ela em linhas retas explicaria à turba as dimensões do cosmos a placidez do azul e as dimensões da noite simulada no porão do gueto os buracos do acetato roxo salpicavam de estrelas o chão o teto as paredes a frequência dos estrobos como nos pulsares e gira a manivela da máquina do mundo ele na roda gigante revira o estômago vomita de lado na infusão do incenso dos cigarros e das ervas a subdose de maconha a infradose de coca a paradoso do ácido a paranóia da interpretação dos fatos mediante a criação dos atos para que a sirene parecesse autêntica atuasse musa simulasse sua no final da noite como se fosse Dante como se fosse Cervantes como se fosse Howard Philip Lovecraft.



agora subo

até tocar

no seu seio

esboço pálido

mapa

## corde

o inseto espetado na agulha

no veludo verde

escuro

ela te encanta?

te fez passar o inverno

do lado de fora

agora dança

pois ficou parado

enquanto ela cantava a Tosca





Tudo isso te leva para casa. Curado, desintoxicado pela congestão, tomou do santo daime, fumou a erva do diabo. Os seres inorgânicos aparecem quando surge o ponto roxo, ela te dá um golpe nas costas e você perde o ponto de aglutinação.

Na casa dela, um sobrado quase desabitado nas ruas do Be-xiga, você vê através do vestido. O pé direito alto, a porta de madeira, os tacos de madeira no chão e as paredes descascadas lembram casas de outros tempos. Forro de madeira pintado de amarelo, a luz fraca pendurada no fio encapado de verde deixa tudo entre o amarelo escuro, cor de laranja, até o vermelho duro.

As marcas ficariam para sempre ou ainda cicatrizavam; por pouco não duvidava quando, em vez do ácido, colocou na língua dois comprimidos de anti-inflamatório. Nua, as coxas pareciam mais humanas, os cortes que já são estrias, os mais vermelhos, feitos na véspera. O corpo todo cortado, ranhura, risco, anagrama; ora finos como traços de nanquim, ora manchas difusas. O corte serrilhado das facas, o corte com precisão do estilete, o furo agudo dos pregos e os rabiscos das agulhas e dos alfinetes.

Passaria o resto da noite chapado, acomodado no canto do sofá enquanto ela se corta; os lençóis ficariam cobertos de sangue; em cada corte, uma boca, lábio para te beijar.

eu amo você  
como quem não vê sexo  
só poesia  
só poesia só poesia  
só poesia só poesia só poesia  
só poesia

só poesia

*(Delmo Montenegro)*



## AMÉRICA L

*para Lelo Nazário e Zé Eduardo Nazário*

Ele mal acredita quando ela, sem menção de ousar, executou o tema no piano. Em dueto, não lhe restava escolha na peça *em que todas as frases do tema, nas palavras do compositor, são literalmente “cantadas” pelos tambores, pratos e bumbo, num diálogo complexo, preciso e bastante elaborado com o piano.*

Dia de semana – a última terça-feira do mês, chuvosa e fria –; quem respira lá fora vê o ar virar fumaça branca bem na sua frente. Garoava na hora da peça, a chuva fina para ouvir melhor se é música, se é ruído branco; palco como nos teatros, a parede aquário para o público mergulhado nas sombras, à meia-luz, vermelha e amarela, só mostrava as pernas. Meias de nylon escuras; os rostos escuros parecem manchas de tinta com sorrisos e relógios de pulso.

Metade do cenário é ocupado pelo piano de cauda; a luz esverdeada desce sobre o instrumento e se espalha. Três pedais, banqueta preta de estofado preto e de couro, de costas para o público, diante da bateria; no outro lado do palco, a bateria trincheira na frente do castelo, bumbo canhão de choque com muitos tambores e pratos; o piano navio negro e a ilha negra cercada de prata e ouro.

Depois das horas, a última peça seria suave. Fazia círculos com a mão esquerda, baqueta escova apoiada na zona inferior de Marte, entre os dedos anular e o médio; na mão direita, divide o ritmo com delicadeza, mantém a vibração nos pratos... quando deu por si, sentava o pau a pontapés, havia trocado de baqueta e de postura diante dos tambores; ela tinha para si montes de oitavas, tocava como se tivesse dois, quatro, oito braços por cima dos teclados. O improvisado vai longe, sem receio de incomodar ouvintes e vizinhança; ela propõe retornos, sugere caminhos, desvia-se em modos, séries variadas. Perdida nos cabelos cres-



pos – coroa em sua cabeça –, traz o rosto escondido porque tem os cabelos soltos, descomposto o laço nas voltas da nuca e do pescoço. Perdeu os nós enquanto tocava, mesmo nas músicas suaves a violência não dorme; tocava de olhos fechados, pende a cabeça ao encontro das teclas, movimentada alucinadamente os dedos e os braços. A música tensa, o dueto opera nas zonas dos contrários; ou seguiam lado a lado, ou não.

[B(2)/10-0.75-K78]-P(2)-[0(4)/8-0.75-K77]

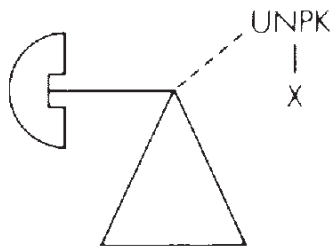
“Não há nada de metafísico nessa representação”

“Nada simbólico, nem matemático, nem eletrônico; não me lembro do que meu irmão quis dizer com esse título. Às vezes, B é B de baião, o 2 é o compasso, 10 é outubro.”

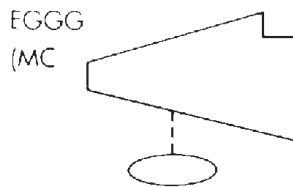
Ainda nos tempos de aluno, ouviu a explicação do professor; o código pode ser registro, perdeu o encanto naquele momento. Mas a memória se fixa na cor amarela, permanece ali a capa do álbum *Circle / Paris Concert*; abaixo do título – as letras apenas em contorno negro sobre o fundo amarelo –, o quarteto de saxofone, piano, baixo e bateria formado por Anthony Braxton, Chick Corea, David Holland e Barry Altschul.

Amante das formas e das estruturas, por isso gostava de Anthony Braxton antes mesmo de ouvir as composições. Guiado pelas figuras, apreciou suas *Six Compositions: Quartet* para saxofone, piano (Anthony Davis), baixo (Mark Helias), bateria (Edward Blackwell).

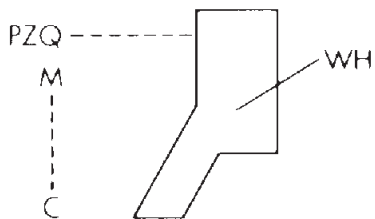
As composições são estas:



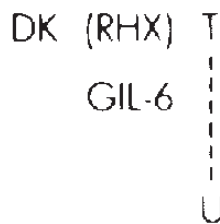
composição n° 40B



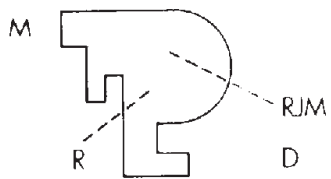
composição n° 69N



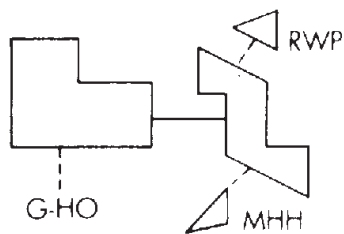
composição n° 34



composição n° 40A



composição n° 40G



composição n° 52





## **simples e “se...”**

Tão simples como se o ovo fosse uma partitura. Aplicava todas as concepções da música dodecafônica e serialista, das músicas eletroacústica e concreta, resolvidas no aparato eletrônico, nas estruturas de tema e improviso, nas relações entre o jazz e as outras músicas. Tudo isso no piano acústico, ensaiava horas em dueto com as fitas magnéticas.

Na peça de madeira e metal sobre o piano de cauda, as sete esferas cor de prata fazem a vez do metrônomo, a quantidade de movimento de uma passa através da outra; só a primeira e a última saem do lugar. Além do tema, feito de botões e gráficos, o percurso estabilizado será sempre o mesmo e será outro, mediado pelo piano e pela pianista. Os dedos negros, pintava as unhas de branco para fazer o espelhamento das teclas e tocar; ela e elas, na linha entre a pele e o plástico, definida assim.

MOBILE – faz como quer, muitas vezes só sabe de si quando volta ao tema no final da peça; abstrai o fluxo, faz o contrário do que pretendia; às vezes, erra. Na sala isolada, poderia tocar bem forte, berrar, quebrar a tampa do piano para usar as mãos nas cordas como harpa. O corpo sobre o tablado, bate os pés no chão; joga pregos, parafusos, toda sorte de entulho aleatoriamente entre as cordas; prepara o piano com cuidado, procura pelo silêncio ao deixar soar apenas a fita magnética.

STABILE – se...

## **a garota de Ipanema**

A aula de percussão havia terminado. Entre as duas baterias no porão de um dos sobrados da vila Cândida, na vila Madalena, falavam de um dos trabalhos do saxofonista Ivo Perelman com o baterista Zé Eduardo Nazário, *Soccer land*. São oito duetos com saxofone e bateria; gravaram de composições próprias a “Lam-





pião de gás” e “Tristeza do jeca” (*Gaslight and Jeca's sadness*); inspiraram-se no *Interstellar space*, de John Coltrane e Rashied Ali.

Em seus projetos, o saxofonista brasileiro pretendia gravar o CD *Girl from Ipanema*, dessa vez distante da bossa-nova e do cool, próxima do free-jazz. A capa seria uma menina negra, adolescente, nascida nas favelas do Rio de Janeiro; *A garota de Ipanema* seria gravada ou por dueto de bateria e saxofone, ou quarteto de saxofone, trompete, baixo e bateria, como os formados por Ornette Coleman.

Havia, na coleção do professor, o trabalho *Fire music*, de Archie Shepp, com Ted Curson (trompete), Joseph Orange (trombone), Marion Brown (saxofone alto), Reggie Johnson (baixo), Joe Chambers (bateria) – na faixa *Malcolm, Malcolm - semper Malcolm*, David Izenzon toca baixo e J. C. Moses, bateria.

Uma hora de aula, hora de ir embora, o professor localizou no CD a última música, de 8:18 minutos. Começa com o trombone, ninguém reconheceria o tema não fosse o título; as variações e o tema, como nas talas; como nas ragas, todos tocam *A garota de Ipanema*; Archie Shepp improvisa, acompanhado pelo baixo e pela bateria.

Todo concerto é uma missa... A música não é o amor, a música é muito melhor...

Ele permaneceu aflito durante a execução da peça; quem esperava apenas pelo tema e a sugestão do conjunto, teve de aprender com o professor de percussão, calado, a música toda sem se distrair.

## **full force**

Colocou cinco CDs na gaveta do aparelho de som, pretende ouvir todos com atenção redobrada. Ordenados pelas datas de gravação, *Full force*, *Urban bushemen* (esse é duplo), *The third decade*, *Thelonious sphere Monk*. *Art ensemble of Chicago*, com-



posta por Lester Bowie (trompete), Joseph Jarman (saxofones), Roscoe Mitchell (saxofones), Malachi Favors Maghostut (baixo), Famoudou Don Moye (bateria e percussão).

Em princípio, nenhum piano; precisava disso para pensar na música. Foi desatenta na escolha; acertou o tempo, a banda – preteriu as de Carla Bley e Gill Evans –, não prestou atenção na capa do último CD.

A conferência dos pássaros, cada um deles tem montes de argumentos, fazer a música fruto do instante. *Full force* começava como começa *Cumbia & Jazz Fusion*, de Charles Mingus; pássaros, vento nas folhagens, movimento no mato, tudo simulado pela percussão e apitos. O tema do baixo vem de dentro da selva, ritmo do baixo acústico tocado com arco, a natureza e a música variam sobre o mesmo tema. Surgem os metais, a bateria e as congas, a percussão se transforma em organização da mata, da Cumbia surge o Jazz, o solo de piano, o batuque retorna nas palavras de Mingus sobre a liberdade. No mesmo percurso, agora sem piano, *Magg Zelma* é a primeira faixa de *Full force*.

Na capa do CD de Mingus, ele aparece sentado em seu trono, rodeado pela floresta; apenas o rosto e as mãos são pintados de marrom em contornos de luz e sombra. A floresta, o trono, suas roupas são traços finos e avermelhados – quase cor-de-rosa – preenchidos de branco; o homem é o significado de todas as linguagens.

Na capa do *Thelonious sphere Monk*, do *Art ensemble of Chicago*, seis fotografias: em baixo, Joseph Jarman, Malachi Favors Maghostut, Famoudou Don Moye, vestidos em trajes africanos – são orixás com os rostos pintados –; em cima, Lester Bowie e Roscoe Mitchell, ambos de paletó e gravata – o requinte no casaco branco do primeiro, do terno preto do segundo –; um segura o trompete, outro, o saxofone alto, os demais seguram o que os orixás seguram; os cinco em plano americano. Cercado por eles, o sexto homem – na face em close, a testa brilha cercada por cabelos trançados –, Cecil Taylor, o homem do piano.



## but not for me

*Come rain or come shine*, tema de Mercer e Arlen, é o título do CD de uma das apresentações ao vivo de Dexter Gordon, acompanhado por Kenny Drew ao piano, Nils Pederson ao baixo, Al Heath na bateria. Da porta de entrada da casa imensa e florida em Indianópolis, ele acompanhou o professor de percussão até o quintal; a aula seria dessa vez nos cômodos detrás, onde ficava o estúdio do irmão tecladista.

“Aquele último CD foi gravado nesta bateria”

Apontou o instrumento branco; apenas um tambor, uma caixa, o bumbo, dois pratos soltos e os pratos do chimbau. Nada comparado à artilharia pesada de cascos negros, aro folhado a ouro, seis tambores, a caixa, muitos pratos, dois pedais no bumbo.

“Eu carregava um monte de coisas quando ia tocar. Roton-ton, tambores, bacias, latas de lixo, tampas de panelas... colocava um gorro... um dia joguei tudo aquilo fora... o que importa é você ir tocar bem vestido, assim as pessoas só vão prestar atenção na sua música. Se você toca bonito, com gestos bonitos, a música fica bonita”.

Foi quando o aluno resolveu solfejar o tema de *But not for me*, de George e Ira Gershwin; é a quarta faixa do CD de Dexter Gordon.

Algumas caretas do professor... buscava na memória reconhecer a melodia... “olha aqui... por sorte, eu reconheci o tema; mas se você está cantando isso aí, é porque está ouvindo isso; vai tocar assim, só confusão”.

## hymns spheres

Transcreveu *Hymn of remembrance*, as nove *Spheres* e *Hymn of release*, de Keith Jarrett. Direto do LP, transcreveu para piano os improvisos tocados no órgão barroco de Karl Joseph Riepp, no



monastério beneditino de Ottoebeuren, em setembro de 1976, na então Alemanha Ocidental.

Foi dito a ela que Keith Jarret, quando, em concertos de música erudita, toca peças de Bach, ensaia sistematicamente; se improvisa, permanece alguns dias distante do piano. Fixados os improvisos em suas transcrições, a pianista ensaiava todos os dias os improvisos, sistematicamente.

Se nos primeiros dias precisava do amparo das partituras, espalhadas sobre o piano de cauda – a cauda aberta inteira durante os concertos –, logo decorou todas as sequências. Sabia de cor, sem visualizar as linhas; sabia as partes todas num só corpo.

Vestida de amarelo e vermelho, as partes lisas e as arredondadas dando forma ao corpo; a silhueta escura pelo quarto escuro, as folhas dos tecidos sobre os ombros negros. Agitada nos cabelos e na repetição da música, o dedo tecla de marfim, o pé descalço é pedal de ébano; parece piano programado para quatro mãos ou para Art Tatum.

Parece figura da Índia, quando o dedo escapa, imprevisto; o lance, a dimensão focada entre o rigor e o talento, ainda não é causa ou efeito. A nota, mesmo que por acidente, tem os limiares enredados, seu centro é o limite de outras notas; seus limites, outras notas no órgão, no piano, outra pianista em outras esferas.

## **América L**

A noite chuvosa, propícia para a música.

O casal chegou separado, em horas diferentes; na verdade, nem se conheciam. Traziam o *Real book* – ela, no estojo das partituras, ele, no estojo das baquetas e das partituras –; a dama de luvas, enquanto o cavalheiro aquece os punhos e os dedos no círculo redondo de borracha preta.

A negra magrinha mais bonita da cidade e um branco encaulado, deixou cair alguma coisa no chão ao lhe ser apresenta-



do, não perdoou a mirada, de leve, nas canelas. As mãos bonitas, concerto a quatro mãos e quatro pernas, os tornozelos firmes sustentados pelas pernas firmes em cima dos pedais do bumbo, dos pratos, das molas e do feltro verde.

Algo de amoroso na falta do contrabaixo; a pianista veio la-deira abaixo sossegada, fumando sua erva enevoadada na chuva e na fumaça; o baterista fumou no carro, junto da caixa e da sacola dos pratos, ouvindo Suzanne Vega no rádio. Sem mais nada, estariam sozinhos dividindo o palco.

O bumbo na clave de Fá, a bateria de casco negro e aros prateados; ela pisava nos astros concentrada – mal acredita quando, sem menção de ousá-lo, executou o tema no piano –. Em dueto, a escolha da peça em que todas as frases do tema são literalmente cantadas pelos tambores, pratos e bumbo, num diálogo complexo, preciso e bastante elaborado com o piano.

“Era coisa dos índios e a tomamos para presidir a vida”; próximos do centro da cidade, perto da praça da Sé, tudo parece tão diferente de quinhentos anos atrás. Desfolclorizado, o Brasil dos choros, do samba, das modas de viola e do bumba-meu-boi seria outro, como os dois amantes transformados.







*Cantos técnicos*  
é uma produção da série Polifemo  
concebida e organizada por  
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte,  
Rodrigo Bravo e Matheus Bueno

São Paulo, 2018